

SUMARIO

- 705 — Discurso do Papa Paulo VI na ONU
- 714 — Crise Nos Institutos Religiosos — MÁRIO
PANCERA
- 722 — Recenseamento da Prática Dominical em Uma
Cidade do Paraná — PADRE GODOFREDO J.
DEILEN, S.S.CC.
- 743 — Educação Católica, Por Quê? — CARLOS DE LA
FUENTE, S.J.
- 748 — O Memorial da Paixão do Senhor na Tradição
Teológica — FREI LUCIANO PARISSI, O.P.
- 757 — Consultas — XIV : *Casa de Formação e Sede
de Governo* — FREI FRANCISCO XAVIER BOCKEY,
O.F.M.

Note e Anote : *1 Encontro de ex-alunos do Seminário de Iguarana*, 759; *CRB Informa*, 761; *Pelas Revistas*, 763; *Recensões Bibliográficas*, 765

Discurso do Papa Paulo VI na ONU

A 20 de janeiro de 1965, em carta dirigida ao Santo Padre, o Sr. U Thant, Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas, pedia o texto do discurso pronunciado em Bombaim, durante o Congresso Eucarístico de dezembro de 1964. "Profundamente comovido com o apêlo" feito por Sua Santidade, U Thant convidara-o a dirigir sua palavra à Assembléa das Nações Unidas, no 20.º aniversário de sua fundação. Paulo VI voou para Nova York e, no grande anfiteatro das Nações Unidas, em 4 de outubro último, pronunciou o discurso que aqui transcrevemos, conforme o texto e subtítulos de LA DOCUMENTATION CATHOLIQUE (n.º 1457, 17 de outubro de 1965, cols. 1730-1738).

A viagem — a terceira empreendida por Paulo VI durante seu pontificado — bem como o seu discurso suscitaram no mundo inteiro um interesse excepcional. Um grande passo em direção da Paz Mundial!

A REDAÇÃO

AO INICIAR Nosso discurso diante desta singular audiência, desejamos agradecer ao Secretário-Geral, U Thant, o convite que Nos fêz para visitar a sede das Nações Unidas, por ocasião do vigésimo aniversário da fundação desta Instituição mundial pela paz e a colaboração entre os povos de todo o mundo.

Nossos agradecimentos ao Presidente desta Assembléa, Amintore Fanfani, que teve para conosco as mais amáveis expressões desde o dia de sua eleição.

E agradecemos, igualmente, a todos os presentes pela amável acolhida que Nos deram, expressando a cada um Nossa sincera e respeitosa sau-

dação. Foi por amizade que Nos convidastes e que estamos sendo admitido a esta reunião, e é como amigo que aqui Nos encontramos.

Permiti, pois, que expressémos Nossa cordial homenagem pessoal aliada à do Concílio Ecumênico Vaticano, atualmente reunido em Roma e aqui representado pelos eminentes Cardeais que Nos acompanharam para tal fim.

Em seu nome, e no Nosso próprio, honra e saudações a cada um de vós !

Representante de uma soberania temporal simbólica

Este encontro, como todos vós compreendeis, reveste-se de um duplo caráter : está impregnado ao mesmo tempo de simplicidade e grandeza. Simplicidade, porque êste que vos fala é um homem como vós ; êle é vosso irmão e mesmo um dos menores entre vós, que representais Estados soberanos, pois que que êle não é investido — se é de vosso agrado considerar-Nos sob êste ponto de vista — senão de uma minúscula e quase simbólica soberania temporal : o mínimo necessário para livremente exercer sua missão espiritual e assegurar aos que com êle tratam que é independente de tôda a soberania dêste mundo. Êle não tem poder alguma temporal, ambição alguma de entrar convosco em competição.

De fato, Nós não temos nada a pedir, questão alguma a levantar ; quando muito um desejo a formular, uma permissão a solicitar : a de poder servir-vos no que é de Nossa competência, com desinterêsse, humildade e amor.

Tal é a primeira declaração que Nós temos a fazer. Como vêdes, ela é tão simples que pode parecer insignificante para esta Assembléia, habituada a tratar de assuntos extremamente importantes e difíceis.

E no entanto Nós vo-lo dizíamos, e vós o sentis, êste momento é pleno de uma singular grandeza : é grande para Nós, é grande para vós.

Em nome da família católica e dos irmãos cristãos que Nos encarregaram de ser seu intérprete

Para Nós, em primeiro lugar. Oh, bem sabeis quem Nós somos. E qualquer que seja vossa opinião sôbre o Pontífice de Roma, conheceis Nossa missão : somos portador de uma mensagem para tôda a humanidade. E o somos não sômente em Nosso próprio nome e no da grande família católica, mas também em nome dos irmãos cristãos que compartilham

os sentimentos que aqui expressamos, em particular daqueles que tiveram a bondade de encarregar-Nos explicitamente de sermos seu porta-voz aqui.

E tal como o mensageiro que, ao término de uma longa viagem, finalmente consegue entregar a carta que lhe foi confiada, temos a consciência de viver instante privilegiado — por breve que seja — no qual se realiza um desejo que trazemos no coração há vinte séculos.

Sim, vós o lembrais. Há muito estamos a caminho e trazemos conosco uma longa história; celebramos aqui o epílogo de uma laboriosa peregrinação em busca de um colóquio com o mundo inteiro, a qual começou desde o dia em que Nos foi ordenado: "Ide, levaí a boa-nova a todos os povos". Sois vós aqui que representais todos os povos.

Deixai-Nos dizer que temos para todos vós uma mensagem, sim, uma mensagem feliz destinada a cada um de vós.

Uma ratificação moral e solene

1. Podemos qualificar a Nossa mensagem, em primeiro lugar, de ratificação moral e solene desta alta Instituição. Esta mensagem baseia-se em Nossa experiência histórica. E como "*perito em humanidade*" trazemos a esta Organização o sufrágio de Nossos últimos predecessores e de todo o Episcopado católico e o Nosso, convencido como estamos de que esta Organização representa o caminho obrigatório da civilização moderna e da paz mundial.

Dizendo isto, temos certeza de fazer Nossa também a voz dos vivos e a dos mortos: dos mortos tombados nas terríveis guerras do passado sonhando com a concórdia e a paz do mundo; dos vivos que sobreviveram àquelas guerras, e que condenam antecipadamente em seus corações aqueles que queriam renová-las; e de outros vivos ainda: as jovens gerações de hoje, que avançam confiantes esperando como de direito uma humanidade melhor. Fazemos Nossa ainda a voz dos pobres, dos deserdados, dos infelizes, dos que aspiram à justiça, à dignidade de viver, à liberdade, ao bem-estar e ao progresso. Os povos voltam-se para as Nações Unidas vendo nelas a última esperança de concórdia e de paz; ousamos trazer aqui, com o Nosso, o seu tributo de honra e esperança.

Eis por que, também para vós, é grande este momento.

Uns e outros

2. Sabemos que estais plenamente conscientes disso. Ouvi então a sequência de Nossa mensagem. Está inteiramente voltada para o futuro. O edifício que haveis construído não deverá jamais ser derrubado, mas deve

aperfeiçoar-se e ser adaptado às exigências que forem apresentadas pela História do mundo. Vós marcais época no desenvolvimento da humanidade : daqui por diante um recuo é impossível, é preciso avançar.

Ao pluralismo dos Estados, os quais já não se podem ignorar mutuamente, ofereceis uma forma de coexistência extremamente simples e fecunda. Ei-la : em primeiro lugar, vós reconheceis e distinguis *uns e outros*. Certamente não conferis existência aos Estados, mas qualificais cada nação como idônea para tomar assento nesta ordenada Assembléia dos povos : dais um reconhecimento de altíssimo valor moral e jurídico a cada soberana comunidade nacional, garantindo-lhe honrosa cidadania internacional.

Este é em si um grande serviço prestado à causa da humanidade : definir claramente e honrar as nações-membros da comunidade mundial e confirmar o seu *status* jurídico que lhes dá o direito de serem reconhecidas por todos. Disso pode resultar uma vida internacional, ordenada e estável.

Haveis consagrado o grande princípio de que as relações entre os povos devem regular-se pela razão, pela justiça, pelo direito, pela negociação, não pela força, nem pela violência, nem pela guerra e nem mesmo pelo medo ou o engano.

Assim deve ser. E permiti que vos felicitemos por terdes agido sábiamente abrindo as portas desta Assembléia aos povos jovens, aos Estados que recentemente alcançaram a independência e a liberdade nacionais; sua presença aqui é a prova da universalidade e da magnanimidade que inspiram os princípios desta Instituição.

Assim deve ser. Este é Nosso elogio e Nosso voto que, como vêdes, não formulamos de fora mas de dentro, baseando-os em vossos estatutos.

Uns contra os outros

3. Vossos estatutos vão mais longe e com êles se estende a Nossa mensagem. Vós existis e trabalhais para unir as nações, para associar os Estados.

Digamo-lo assim : para *aproximar uns dos outros*.

Sois uma associação. Sois uma ponte entre os povos. Sois uma rede de relações entre os Estados. Quase diríamos que vossa característica reflete de algum modo, no campo temporal, o que nossa Igreja Católica aspira a ser no campo espiritual : única e universal.

Nada se pode conceber de mais elevado, no plano natural, na construção ideológica da humanidade. Vossa vocação é de fraternizar, não somente alguns, mas todos os povos. Empreza difícil ? Sem dúvida. Mas esta é a empreza, esta é a vossa nobilíssima empreza.

Quem não vê a necessidade de chegar assim progressivamente à instauração de uma autoridade mundial capaz de agir eficazmente nos planos jurídico e político ?

Admissão na ONU dos países que dela não fazem parte

Mais uma vez reiteramos o Nosso desejo : *avançai sempre !* Dirc-mos mais : procurai trazer de volta a vós todos que vos deixaram ; buscai meios para *trazer* para o vosso pacto de fraternidade, com honra e lealdade, aquêles que dêle ainda não fazem parte.

Agi de maneira que aquêles que ainda estejam de fora descjem e mereçam a confiança de todos, e sêde então generosos em concedê-la. Vós, que tendes a boa sorte e a honra de sentar-vos nesta Assembléia da comunidade pacífica, escutai-Nos : fazei com que a recíproca confiança que vos une e vos permite realizar coisas boas e grandes, jamais seja ameaçada ou traída.

Nunca um acima do outro

4. A lógica dêste desejo, que pode ser considerado como parte da própria estrutura de vossa Organização, leva-Nos a completá-lo com outras fórmulas. Portanto, que ninguém, enquanto na qualidade de membro de vossa União, seja superior aos demais ; *nunca ninguém deve ser superior ao outro.*

Esta é a fórmula da igualdade.

Sabemos, é verdade, que há outros fatores a considerar, além do simples fato de pertencer a êste Organismo. Mas também a igualdade faz parte de sua constituição : *não que sejais todos iguais, mas aqui, vós vos fazeis iguais.* Pode ser que, para vários entre vós, isto seja um ato de grande virtude ; permiti que Nós vo-lo digamos. Nós, o representante de uma religião que realiza a salvação através da humildade de seu divino Fundador.

Impossível ser irmão se não se é humilde. É o orgulho, por inevitável que possa parecer, que provoca tensões e lutas pelo prestígio, pelo domínio, pelo colonialismo, pelo egoísmo ; é o orgulho que rompe a fraternidade.

Nunca mais uns contra os outros

5. E agora Nossa mensagem chega ao seu ponto culminante, negativo em primeiro lugar. É a palavra que esperais de Nós e que não podê-

mós pronunciar sem consciência de sua gravidade e de sua solenidade : *nunca mais uns contra os outros, nunca, nunca mais !*

Não foi principalmente com êste objetivo que nasceu a Organização das Nações Unidas, contra a guerra e pela paz ? Ouvi as lúcidas palavras de um grande desaparecido, John Kennedy, que proclamava, há quatro anos :

“A humanidade deverá pôr fim à guerra, ou a guerra porá fim à humanidade”.

Não se necessita de muitas palavras para proclamar a finalidade suprema de vossa Instituição.

Basta recordar que o sangue de milhões de homens, que inúmeros e inauditos sofrimentos, que inúteis massacres e assustadoras ruínas sancionam o pacto que vos une, através de um juramento que há de mudar os futuros rumos da história do mundo; *nenhuma outra guerra, nunca mais guerra !* Paz, é a paz que deve guiar o destino dos povos e de toda a humanidade !

Os Nossos agradecimentos a vós, glória a vós, que, há vinte anos, trabalhais para a causa da paz e que até mesmo sofrestes a perda de homens ilustres a bem dessa causa sagrada ! *Obrigado e glória a vós* pelos conflitos que impedistes e por aquêles aos quais pusestes fim. Os resultados de vossos esforços a favor da paz, até o presente dia, mesmo que ainda não sejam decisivos, são tais que merecem que Nós, ousando transformar-Nos em intérprete do mundo inteiro, a vós expressemos aplausos e gratidão.

Senhores, haveis realizado e continuais realizando uma grande obra : *a educação da humanidade para a paz*. As Nações Unidas são a grande escola onde esta educação é ministrada e Nós nos encontramos na *Aula Magna* desta escola. Todos aquêles que aqui se sentam tornam-se discípulos e também mestres na arte de construir a paz.

Quando deixardes esta sala, o mundo olhará para vós como os arquitetos e construtores da paz. A paz, vós o sabeis, não se constrói somente por meio da política e do equilíbrio das forças e dos interesses. Ela é construída com o espírito, as idéias, os recursos da paz. Vós trabalhais nesta grande obra, mas ainda estais no início de vossas lutas.

Será que um dia o mundo chegará a mudar a mentalidade particularista e belicosa que até agora teceu uma tão grande parte de sua história ? É difícil prever, mas é fácil afirmar que é na direção desta nova história, uma história pacífica, que é verdadeira e plenamente humana, tal como ela foi prometida por Deus aos homens de boa vontade, que necessitamos partir resolutamente.

O desarmamento

Os caminhos já foram bem marcados para vós; o primeiro dêles é o desarmamento.

Se quiserdes ser irmãos, *deixai cair as armas de vossas mãos*. Não se pode amar com armas ofensivas nas mãos. Essas armas, especialmente as armas terríveis que a moderna ciência vos deu, muito tempo antes de produzirem vítimas e ruínas, causam maus sonhos, alimentam maus sentimentos, criam pesadelos, desconfianças, decisões sombrias; exigem enormes despesas; entravam os projetos de solidariedade e de trabalho útil; desvirtuam a psicologia dos povos.

Enquanto o homem continuar sendo a criatura tão fraca, volúvel e mesmo má, como tantas vêzes se manifesta, armas defensivas infelizmente serão necessárias.

Mas vós, vossa coragem e vosso valor vos impelem a estudar os meios de garantir a segurança da vida internacional, sem recorrer às armas: eis um objetivo digno de vossos esforços, eis o que os povos esperam de vós.

Eis o que é preciso obter. E para isto, é necessário que cresça a confiança unânime nesta Instituição, que cresça sua autoridade; e pode se esperar que esta meta seja atingida. Merecereis a gratidão de todos os povos, aliviados que ficarão das esmagadoras despesas com os armamentos e livres do pesadêlo de uma guerra sempre iminente.

Nós sabemos — e como não nos alegrarmos? — que muitos dentre vós ouviram com simpatia o apêlo que lançamos de Bombaim, a todos os Estados, em dezembro passado, para que, a bem da causa da paz, utilizem em benefício dos países em vias de desenvolvimento pelo menos parte das economias que poderiam ser realizadas com a redução dos armamentos. Aqui renovamos êste apêlo com a confiança que Nos inspiram vossos sentimentos de humanidade e generosidade.

Uns pelos outros

6. Falár de humanidade e generosidade é fazer eco a um outro princípio constitutivo das Nações Unidas, seu ponto alto positivo: não é apenas para conjurar os conflitos entre os Estados que se trabalha aqui, mas, sim, para tornar os Estados capazes de trabalhar *uns pelos outros*.

Não vos contentais em facilitar só a coexistência entre as rações; dai um passo muito maior para a frente, que merece o Nosso elogio e o Nosso apoio: organizais uma colaboração fraterna entre os povos. Dêste modo estabelece-se um sistema de solidariedade que faz com que as altas finalidades na ordem da civilização recebam o apoio unânime e ordenado de toda a família dos povos para o bem de todos e de cada um.

Este aspecto da Organização das Nações Unidas é o mais belo; é o seu aspecto verdadeiramente mais humano; é o ideal sonhado pela humanidade na sua peregrinação através dos tempos, é a maior esperança do mundo; é, ousamos dizer, o reflexo do desígnio de Deus, desígnio trans-

cedente e cheio de amor para o progresso da sociedade humana na terra, reflexo no qual vemos a mensagem evangélica, de celeste tornar-se terrestre. Na verdade, aqui, parece-Nos ouvir o eco da voz de Nossos predecessores, em particular a do Papa João XXIII, cuja mensagem de *Pacem in Terris* encontrou entre vós uma ressonância tão honrosa e tão significativa.

O que proclamais aqui são os direitos e os deveres fundamentais do homem, sua dignidade, sua liberdade e, acima de tudo, a liberdade religiosa. Sentimos que sois os intérpretes do que há de mais alto na sabedoria humana, quase podemos dizer, de seu caráter sagrado. Pois é, antes de tudo, da vida do homem que se trata; e a vida do homem é sagrada; ninguém pode ousar atentar contra ela.

Contrôle da natalidade

O respeito à vida, mesmo com relação ao grande problema do índice de natalidade, deve encontrar aqui em vossa Assembléia sua suprema afirmação e sua defesa mais racional. Vossa tarefa consiste em garantir o pão suficiente na mesa da humanidade, e não em encorajar um controle artificial de natalidade, que seria irracional, a fim de diminuir o número de convivas para o banquete da vida.

Assegurar a cada homem uma vida conforme sua dignidade

Não basta, contudo, alimentar os famintos; é necessário também assegurar a cada homem uma vida compatível com a sua dignidade. Também isto tentais conseguir. Não é isto, sob nossos olhos e graças a vós, a realização daquela declaração profética e que tão bem se aplica à vossa Instituição: "De suas espadas êles forjarão relhas de arados, e de suas lanças, foices" (Is 2,4).

Não estais porventura empregando as prodigiosas energias da terra e as magníficas invenções da ciência, não mais como instrumentos de morte mas como ferramentas de vida para a nova era da humanidade?

Sabemos quão intensos e cada vez mais eficazes são os esforços da ONU e de suas agências mundiais destinadas a auxiliar os governos que precisam de ajuda para acelerar seu progresso econômico e social.

Sabemos quão ardentemente trabalhais para vencer o *analfabetismo* e *espalhar a cultura* através do mundo; para fornecer aos homens *assistência médica* moderna e adequada; para empregar a serviço do homem os maravilhosos recursos da *ciência*, da *técnica* e da *organização*: tudo isto é magnífico e merece elogio e apoio de todos, inclusive o Nossu.

Desejariamos também Nós dar o exemplo, embora a modicidade de nossos meios impeça de se apreciar o seu alcance prático e quantitativo. *Pretendemos intensificar os esforços de Nossas instituições de caridade para combater a fome do mundo e satisfazer as suas principais necessidades. É assim e não de outro modo que se constrói a paz.*

Construir sobre princípios espirituais

7. Mais uma palavra, senhores, uma última palavra: este edifício que estais construindo não se baseia apenas em fundamentos materiais e terrenos, pois, se assim fôsse, seria uma casa construída sobre areia, acima de tudo, baseia-se em *nossas próprias consciências*: Chegou o momento para nossa "conversão", para transformação pessoal, para renovação interior.

Devemos acostumar-nos a pensar no homem de forma nova; e de nova forma também na vida em comum dos homens; em uma nova maneira, também, nos caminhos da história e no destino do mundo, segundo as palavras de São Paulo: "para revestir-vos do homem novo, criado à imagem de Deus em uma justiça e santidade verdadeiras" (Ef 4,24).

Chegou o momento para uma pausa, um instante de recolhimento, de reflexão, quase de prece: um momento para pensar novamente em nossa origem comum, nossa história, nosso destino comum.

Hoje, como nunca antes, em nossa era tão assinalada pelo progresso humano, há necessidade de um apêlo à consciência moral do homem. Pois o perigo vem, não do progresso, não da ciência, ao contrário, se utilizados adequadamente, êstes poderiam resolver muitos dos graves problemas que atormentam a humanidade.

O verdadeiro perigo se encontra no próprio homem, que tem à sua disposição instrumentos ainda mais poderosos que podem ser empregados igualmente para destruição ou para as mais elevadas conquistas.

Em uma palavra, portanto, o edifício da civilização moderna deve ser construído sobre princípios espirituais, os únicos que por si só podem não apenas sustentá-lo, mas até mesmo iluminá-lo e animá-lo. E êstes indispensáveis princípios de sabedoria superior não podem repousar — é Nossa convicção, vós o sabeis — senão sobre a fé em Deus.

Esse Deus desconhecido do qual São Paulo falou aos atenienses no aerópago? Desconhecido para êles, embora sem percebê-lo, êles O procuravam e Ele estava próximo dêles, como também acontece com muitos homens de nosso século?... Para nós, em todo caso, e para todos os que aceitam a inefável revelação que Cristo nós deu a seu respeito, Ele é o Deus vivo, o Pai de todos os homens.

Crise Nos Institutos Religiosos

Muitas são as necessidades de reforma. Entretanto, a reforma essencial é a adequação dos institutos às novas situações culturais e sociológicas do mundo civil. Não somente a eficácia do seu apostolado como a normalização da sua vida interna dependem da sintonia entre a realidade humana e a sua utilização religiosa.

MÁRIO PANCIERA

TÓDA a Igreja se encontra em clima de atualização. As instâncias dogmáticas e os princípios teóricos estabelecidos pelo Concílio são levados lenta e prudentemente para o terreno prático.

O capítulo geral de alguns grandes institutos religiosos (jesuitas, salesianos, camilianos, trinitários, hospitaleiros etc.) chamaram a atenção sobre si não somente dos círculos religiosos masculinos e femininos mas também da imprensa leiga, que não pode ignorar-lhes o peso social e religioso. Em toda parte as novidades esperadas ou supostas fazem prever uma curva decisiva em toda a linha da vida religiosa.

A vida religiosa em crise

Não há dúvida que a vida religiosa está em crise. Há cerca de dez anos se fala e se escreve sobre este tema. Em outras épocas históricas, em circunstâncias semelhantes, se falava em *reforma* da vida religiosa ou de algum instituto particular; hoje, ao invés, fala-se de atualização, que é coisa bem diversa e positiva.

Não se trata certamente de um hábil ou simples eufemismo. Demonstra-o o fato de que, talvez nunca como em nossos dias, os institutos religiosos foram tão ativos em todos os campos da vida da Igreja, desde a pregação até a educação e as missões. Talvez se lamente que os resultados não correspondam à soma de energias expedidas.

Mas a crise, analisando bem, é mais vasta e profunda. O sintoma imediato é a diminuição das vocações religiosas em muitas nações e em

vários institutos. No passado, talvez se atribuísse à diminuição da fé e à decadência dos costumes. Aspectos, aliás, realíssimos ainda hoje; mas, poderíamos nos perguntar se, além disso, não haverá também outras causas inocentes à atual estrutura da vida religiosa e subjetivamente repulsivas ao espírito moderno.

Muitas vezes, religiosos, especialmente os mais jovens (mas não somente eles), perguntam se as finalidades e as tarefas do seu instituto ainda são válidas e atuais. Muitos, perdendo o apoio de um ideal sugestivo, desertam. Aquêles que ficam, são, muitas vezes, atormentados por um sentimento de mal-estar profundo. Têm a impressão de não estarem suficientemente preparados para o apostolado que o mundo de hoje exige. Esse mal-estar, saindo do íntimo das consciências, transparece em tôdas e cada uma das estruturas do mesmo instituto. Inevitavelmente tudo passa pelo crivo da crítica.

O homem moderno rejeita o conceito da renúncia pela renúncia e não compreende mais o sentido de algumas limitações ou certas tradições não "funcionais". Nascem as crises. Também as conhecidas crises que, como etapas "normais", descontrolam muitas vezes não poucos religiosos, não escapam a êsse quadro psicológico.

As seis crises por exemplo, descritas por A. Roldan (crise do coração, da afirmação, da obediência, do naturalismo, do sentido da vida e do ocaso), nascem tôdas da falta de integração, natural e sobrenatural, dos "instintos básicos", isto é, daqueles instintos que são conaturais e portanto não se podem suprimir (*Le crisi nella vita religiosa*, 1964, Paoline).

Poder-se-ia dizer, em certo sentido, crise de frustração que, no nosso caso, é a pior, porque implica desconfiança e descrédito na instituição mesmo, porquanto se nota que não corresponde às exigências do espírito moderno e do próprio apostolado.

Diante destas constatações, alguns escritores — e nem sempre da margem oposta — falam abertamente do fim da vida religiosa tradicional para dar lugar a instituições novas. Assim escrevem por exemplo Baldwin, Hulme, Werfel, Welschan, Bernanos, Montherlant.

Em conclusão, acusa-se — com ou sem razão — a vida religiosa de ser anacrônica e superada tanto nas estruturas construtivas como em seus métodos de apostolado.

O que é que há ainda e sempre de válido e, ao contrário, o que há de caduco e mutável?

O peso da história

Na vida religiosa é necessário distinguir o essencial e o acidental. Já Pio XII admoestava as religiosas que, além dos elementos essenciais, há elementos acidentais, isto é, aquêles "elementos que não são de necessidade nem de complemento, mas tão-somente externos e históricos, nasci-

dos das necessidades prementes do tempo, hoje profundamente mudadas" (*Sponsa Christi*, 1950).

A crise atual é resultado de fatores históricos, espirituais, canônicos, psicológicos e sociológicos (cf. Card. Suenens — *Promoção Apostólica das Religiosas*, 1964, Flamboyant).

Não nos sendo possível focalizar cada uma destas causas, indicamos ao leitor, além do livro citado do Cardeal Suenens, também o sempre atual estudo de J. Leclercq, riquíssimo em anotações históricas e exemplificativas (*La vocazione religiosa*, Morcelliana).

A evolução histórica da vida religiosa, a codificação dos ideais, a rigidez das Regras explicam as superestruturas e as carências atuais, hoje tornadas mais agudas pela aceleração da vida moderna e dos imperativos do apostolado.

Chegou a hora — nas pegadas do Concílio — de pôr ponto final a esta situação e arrancar para a necessária renovação. Três são os setores principais da atualização que se propõe o Capítulo Geral dos Jesuítas (que é atualmente o instituto religioso mais numeroso, contando cerca de 36 mil membros): estrutura do governo central, campo do apostolado e formação adequada.

Vamos expor alguns aspectos da renovação religiosa. Deixamos de lado a renovação essencial do espírito da vida religiosa, que é sempre atual e é premissa necessária a qualquer outra renovação. As decisões devem surgir do confronto objetivo entre a situação atual de cada instituto (tanto masculino como feminino) e as características típicas do nosso tempo.

O suposto pluralismo de base

1. *A idade moderna se caracteriza pela passagem de um tipo de sociedade unitária, jerárquica e estritamente controlada para uma sociedade pluralista, democrática e "liberal".*

À medida que avança a industrialização, muda a fisionomia das unidades geográficas da família e conseqüentemente do indivíduo, que escapa ao controle da tradição e escolhe livremente o partido político, o sindicato, as associações culturais, os grupos esportivos, econômicos e religiosos.

Resulta evidente que o homem da era industrial não se atinge mais através do núcleo geográfico; ele distingue claramente entre religião e política, entre relação pessoal com Deus e com a autoridade pública. É o final de toda forma de sociedade "teocrática".

A Igreja não pode mais apoiar-se sobre a autoridade civil para difundir ou manter a fé entre as massas. Qualquer atitude neste sentido suscitará reações anticlericais. Por isso, os métodos de apostolado devem mudar: ao menos, tanto quanto a mesma sociedade mudou.

Numa sociedade pluralista e democrática, o apostolado deve ser individual. Desde que cada um quer "saborear" pessoalmente, a palavra só por si não basta, mas deve ser acompanhada por um testemunho de vida.

O indivíduo escolhe livremente o seu grupo social, com o qual compartilha interesses e mentalidade. Daqui emanam os diversos setores de apostolado especializado. Em todos estes setores estão presentes os leigos católicos, aos quais compete primariamente a cristianização do ambiente.

Não seria difícil demonstrar que hoje muitos setores sociais não são cobertos pela ação dos institutos religiosos e que os leigos não estão preparados suficientemente para suas tarefas.

O homem moderno está constantemente em contato com os "meios de comunicação social": rádio, televisão, imprensa. Poucos institutos religiosos compreenderam sua importância. Mas para este tipo de apostolado não basta uma genérica preparação para a pregação; necessita-se de uma escola especializada.

Uma formação diferente

2. *Passagem da época da cultura universal para a era da especialização.*

Num mundo pré-científico, era suficiente a "sabedoria" que se adquiria através de uma formação histórica, literária e filosófica. Hoje, à formação geral se deve acrescentar uma formação especializada.

Todo religioso apóstolo — afirma o Padre E. Fin — deveria receber uma triplíce formação: humanística, teológica e especializada (cf. N. Revue Th. 4, 1965, pp. 395-411). Não é possível agora abordar um assunto que é colossal. Queremos tão-somente acrescentar duas reflexões. Antes de tudo, por formação "humanística" não se deve entender somente aquela "clássica" (fundada sobre o latim e o grego) mas também o conhecimento do homem moderno e dos problemas contemporâneos. Nesta perspectiva, a psicologia, a sociologia, a geografia humana, a economia, a antropologia cultural deveriam ocupar um lugar preponderante.

Em segundo lugar, a formação especializada hoje se impõe como necessidade absoluta. Aquêl que sabe um pouco de tudo é como se não soubesse nada. Exige-se cada vez menos o apóstolo "genérico", mas se exige o especialista. Não se fala necessariamente de láurea, mas de uma formação especializada.

O que afirmamos aqui não vale só para os religiosos sacerdotes mas também para os irmãos e para as irmãs. É verdade que o religioso deve estar pronto para qualquer sacrifício; mas aqui se trata da eficácia das obras do instituto como tal.

Da monarquia ao governo orgânico

3. *Passagem de uma sociedade aristocrática para uma sociedade igualitária, da época do governo "monárquico" para a era dos órgãos de governo.*

Em épocas passadas, a *elite* governava, e a massa obedecia. Agir, plasmar a *elite*, era agir e plasmar a sociedade inteira. Hoje, todo cidadão participa do poder, melhor, os caminhos do mesmo poder estão abertos para todos. Também o "Príncipe" no seu governo se servia de conselheiros, mas estes eram escolhidos por sua sabedoria e o conhecimento das coisas. Em todo caso, a eles se pedia um parecer "global" e individual.

Numa sociedade especializada, todo aquê que dirige, necessita de conselheiros sábios, mas estes o serão em proporção com seus conhecimentos especializados — pessoais ou fornecidos por outros — sobre os quais repousa o funcionamento da sociedade moderna. É desde que todo problema lança suas raízes em aspectos múltiplos, segue-se que a informação global não pode ser fornecida por indivíduos isolados, mas por grupos de especialistas que se completam mutuamente.

Não está longe da verdade a afirmação de que até agora os institutos religiosos foram dirigidos por um sistema de governo de tipo antigo. Não resta a menor dúvida que fica restringida a faixa discricionária da autoridade, mas nem por isso a obediência deve ficar prejudicada. Antes, parece que este caminho favorece a solução daquela crise de obediência que se faz sentir até entre os jesuítas conhecidos por sua obediência férrea.

Parece portanto necessário que sejam criados, para os diversos graus do governo religioso, verdadeiros órgãos de governo, de comitês, comissões ou ministérios, cada um encarregado de um setor determinado, com a tarefa de coligir tôdas as informações possíveis e propor soluções aos superiores. Não se trata — é oportuno notar — de simples consulta de inferiores (e isto sempre se fêz), mas de uma verdadeira participação na elaboração das soluções. Isto nada tira da responsabilidade do superior que, pelo contrário, pode exercê-la com pleno conhecimento de causa, visto que, muitas vêzes, os problemas vão além dos conhecimentos de um indivíduo só.

Accleração histórica e evolução religiosa

4. *Passagem de uma sociedade estável para uma sociedade em contínua mudança.*

Na sociedade pré-industrial e pré-técnica não havia mudanças repentinas. Havia predomínio das tradições, com as quais os indivíduos de-

viam uniformizar-se. O chefe ulhava pela observância das normas, e os súditos deviam obedecer.

Em regime de iniciativa privada e de livre concorrência, tudo é submetido a uma contínua revisão. Os grupos e as organizações devem continuamente adaptar o seu modo de agir, se querem sobreviver e conseguir suas finalidades. Paradoxalmente se pode dizer: *o grupo para ser fiel a si mesmo, deve mudar*. Isto vale para os grupos políticos, econômicos e... também religiosos. Isto supõe não somente uma certa liberdade diante das instituições anteriores, mas também e sobretudo a existência de organismos de observação e revisão. Isto corresponde perfeitamente ao que dissemos anteriormente a propósito das comissões de especialistas. Acrescentamos tão só que os especialistas não podem ser mais assim. Dada a aceleração histórica em que vivemos, bastam poucos anos para um especialista ser ultrapassado, se não se mantiver continuamente em contato com o estudo e a vida.

Aceleração histórica e adequação individual

5. *Passagem de um tipo de educação "temporânea" para uma educação permanente.*

Numa sociedade de caráter estável e tradicionalista, a tarefa principal do educador é a socialização das novas gerações. A escola se conclui no nível "secundário" e o aprendizado se aperfeiçoa no próprio ambiente de trabalho.

Mas numa sociedade pluralista e em contínua mudança, o indivíduo não pode receber da sociedade normas indiscutíveis e definitivas. Ao contrário, ele deve ser preparado para escolher criticamente, para a autodeterminação. O mesmo adulto necessita ser assistido nas escolhas. Poderíamos, antes, dizer que, sem nada tirar da importância da educação dos jovens, é sobre os adultos que se desloca a máxima atenção.

Estas observações sociológicas impõem um reexame, seja das escolas católicas, seja dos campos do ministério pastoral.

Aqui não fazemos discussões de caráter pedagógico, mas somente estratégico. Sob este aspecto não há dúvida de que as escolas católicas atualmente estão obrigadas a abrir suas portas para aquelas categorias sociais que podem pagar. Isto, numa sociedade democrática e aberta, implica limitações e críticas de ordem social. Além disso, uma escola ou um colégio absorvem um número relevante de religiosos num lugar só e para um grupo restrito, quando talvez muitíssimas escolas públicas e mais vastos setores geográficos permaneçam a descoberto, sob o aspecto estritamente religioso. É um dado comprovado que, na maior parte das nações progressistas, a Igreja não pode esperar atingir, através da escola, toda a juventude do país, nem sequer toda a juventude católica. Não se

sugere o abandono da empreitada mas somente reexaminá-la, tendo diante dos olhos todos os dados sociológicos atuais.

Como nota o Padre Pin — renomado professor de sociologia religiosa — a Igreja hoje necessita sobretudo de hábeis professores em todos os setores das ciências sagradas, de capelães de universidades e dos vários movimentos de Ação Católica, de especialistas de ciências humanas e sociais. Compulsando as estatísticas, notamos que são muito poucos os religiosos voltados para estes setores, em comparação com aqueles que estão empenhados na escola secundária ou primária.

Colegialidade e Institutos religiosos

6. Um outro sinal dos tempos modernos é fornecido pela extensão das unidades sócio-geográficas que apresentam unicidade de problemas.

Na sociedade tradicional toda comunidade podia considerar-se uma unidade à parte e quase auto-suficiente na solução de seus problemas. A estratégia do Estado ou da Igreja podia limitar-se a uma estratégia de distribuição e de opção entre várias exigências.

Hoje, tudo é de proporções mundiais. A história das pequenas comunidades locais se divide nas grandes capitais do mundo onde se processam os mais importantes movimentos ideológicos e onde se encontram os centros de informação. A ação isolada no plano de uma comunidade local não pode ter êxito. As decisões devem ser colegiais. Impõe-se a colaboração horizontal dos indivíduos e dos grupos, que serão tanto mais complementares quanto mais especializados forem.

São evidentes as falhas dos institutos religiosos sob este aspecto. A autonomia de cada província, aliás de cada casa, favoreceu uma política fechada ou pelo menos de horizontes estreitos.

Esta espécie de "regionalismo" levou a descuidar as obras e os organismos internacionais, continentais ou mundiais. O atraso nestas posições é enorme e se torna cada vez mais prejudicial.

Tudo isto supõe uma "colegialidade" no governo dos institutos religiosos em nível nacional, continental e mundial. Nasce o problema da colaboração dos institutos religiosos entre si: abandonando os compartimentos estanques e mesmo certa disfarçada concorrência.

No dia em que os superiores provinciais se sentirem responsáveis antes de tudo não por uma fração de território mas por um território inteiro, então poderão também juntos responder às necessidades de todo o território.

Quem imaginou o declínio dos institutos religiosos, enganou-se. Sua necessidade é mais evidente do que nunca. Que haja uma crise — diz o Padre Pin — é inevitável. Mas é uma crise de opção. Uma opção entre um menor ou um maior serviço à Igreja, entre a renovação ou o declínio.

Esta opção requer coragem e clarividência. Exige que sejam criados os organismos e os instrumentos necessários para as informações, as consultas e as decisões. Já passou a era das planificações mundiais. O Concílio traça o justo caminho e não há dúvida de que os institutos religiosos tenham suficientes reservas de energias e de sacrifício para colocar-se pronta e decididamente neste caminho.

(Traduzido do II Regue, actualità cattolica, maio de 1965, pp. 191-193)



PADRES PARA A AMÉRICA LATINA

A Espanha, Bélgica e Itália são os países que mais padres enviam à América Latina. De 1948 a 1962, as dioceses de Espanha mandaram 700 sacerdotes à disposição dos bispos da América do Sul; o Colégio de Lovaina para a América Latina enviou, de 1953 a 1961, 30 padres; o Colégio de Verona, fundado em 1961, já forneceu 20 sacerdotes e, actualmente, prepara 82 outros para este Continente.

(La Doc. Catholique, n.º 1464, col. 1624)

SEMINÁRIO PARA RAPAZES DE 18 A 28 ANOS DE IDADE

Seminário São João Gualberto

Os Padres da Congregação Valombrosa da Ordem de São Bento mantêm no Jardim da Felicidade (Pirituba — São Paulo) um seminário para rapazes entre os 18 e 28 anos de idade, quer se trate de futuros sacerdotes diocesanos ou pertençam a qualquer ordem ou congregação religiosa. Os que não se sentem chamados para o sacerdócio, o Seminário São João Gualberto forma para a vida religiosa, para a catequese e, quando fôr o caso, para o diaconato.

Para maiores informações, dirigir-se a :

Dom Mário Martinho Palumbo, O.S.B.
Caixa Postal 11 522
SÃO PAULO — 10 — Capital

Recenseamento da Prática Dominical em Uma Cidade do Paraná

PADRE GODOFREDO J. DRELEN, SS.CC.

Sociólogo do CERIS

(Continuação do número anterior)

Missalizantes segundo o estado civil

A respeito do estado civil, apresentamos só os números por paróquia, sem entrar nas diferenças que houve por missa, em cada lugar de culto. No quadro III, indicamos o estado civil segundo as categorias clássicas.

Quadro III : MISSALIZANTES NA CIDADE DE IRATI,
SEGUNDO O ESTADO CIVIL E SEXO

Estado civil	Total	%	Homens	Homens		Mulheres	Mulheres	
				%	Total		Total	%
Solteiros	2 273	64,3	857	37,3	1 416	62,3		
Casados	1 119	31,7	538	48,0	581	52,0		
Viúvos	108	3,1	54	58,8	84	49,2		
Não decl.	30	0,9	—	—	—	—		
TOTAL	3 530	100	1 449	41,0	2 081	59,0		

O número de solteiros é notável. 64,3% de todos os missalizantes eram solteiros. Especialmente do lado feminino, essa cota foi maior; 40,1% contra 24,3% dos homens. A diferença entre a prática de homens e mulheres concentra-se no grupo de solteiros; de 2 273 solteiros que assistiram à missa, 37,3% eram homens e 62,3% mulheres. A diferença real da prática feminina nesse caso é de 240; entretanto, a diferença geral foi só de 140. A diferença nos outros grupos de casados e viúvos é bem menor. Interessante notar que, na categoria de casados — os quais formam só 31,7% de todos os missalizantes — o número de homens alcança 48%. Em tais casos, quase sempre que a mulher é praticante, o homem também o é. Sobre o total de missalizantes, notamos só uma diferença de 1,3% entre homens e mulheres casados, em favor do sexo feminino.

O grupo de solteiros inclui também as crianças; o ensino católico primário e médio influencia o alto grau de participantes. Consideramos como solteiros a categoria de idade de 7 até 24 anos (8). Esta faixa populacional forma 39,6% da população. Entre os missalizantes, esse grupo alcança 64,3%. A presença dessa categoria de solteiros é 1,6 vezes maior nas missas do que na estrutura demográfica da população de Irati.

Notamos que as igrejas de Irati são freqüentadas em 2/3 por jovens não casados. Isso implica uma necessidade de adaptar a celebração da missa, pregação dominical, o trabalho pastoral aos desejos e necessidades desse grupo importante. Considerando em geral como casados ou viúvos a parte da população de 24 anos e mais, estamos com uma percentagem de 42,3% da população. Nas missas, essa categoria de idade forma só 34,8% dos missalizantes. A diferença real da prática da categoria dos solteiros foi de 160 em favor dos missalizantes; na categoria dos casados e viúvos essa diferença foi de 160 em favor dos não missalizantes.

Partindo de três categorias de estado civil (solteiros, casados e viúvos), não quereríamos insistir aqui no fato de que o matrimônio fôsse a causa dessa queda na prática dominical. Entre os grupos de 7-24 anos e de 24 anos e mais existem mais diferenças; por exemplo, o primeiro grupo é, na maioria, não ativo; no segundo grupo estamos diante de uma faixa populacional total e economicamente ativa. Esse grupo entra mais no pluralismo existente, escapa mais ao controle da Igreja e tantos outros fatores especiais que marcam os grupos mencionados. Considerando o fato de que 62,3% de solteiros são mulheres e 37,3% homens, chegamos a concluir que o grupo feminino abandona mais fortemente a prática de assistência à missa, porque, na categoria de casados, a parte feminina é quase igual à dos homens. O *slogan* que diz "quem tem a juventude tem

(8) O número de solteiros foi de 2273; número de participantes nas missas até 24 anos foi de 1921; escapam-nos 352 solteiros que se colocam nos outros grupos de idade.

o futuro" não vale em todos os aspectos. Pelo menos, na prática dominical, aparece um abandono bastante forte da juventude, o que se verifica sobretudo a partir dos vinte anos.

Talvez exista uma certa correlação entre o baixo grau de crianças que assistem à aula de catecismo (só 1 000 nas sedes paroquiais ou 48% das crianças no grupo) e o abandono da prática dominical depois de uma certa idade.

Notamos, também em Irati, a falta de formação religiosa da juventude fora das escolas. Isso pode ser também um fator considerável.

Por causa da importância do grupo de solteiros, entramos mais pormenorizadamente no assunto e pesquisamos o grau de instrução desse grupo e tentamos localizar na cidade esse grupo de jovens.

Quadro IV — MISSALIZANTES DE 7-24 ANOS, SEGUNDO O GRAU DE INSTRUÇÃO, EM IRATI

Paróquias	Grau de Instrução					% sobre o total de particip.
	Primário	Técnico	Secundário	Super.	Total	
São Miguel	644	27	535	—	1 206	59,2
N. Sra. da Luz . . .	425	17	148	5	595	50,6
N. Sra. das Graças . .	161	3	26	3	193	50,8
TOTAL . .	1 230	47	709	8	1 994	55,5

Fonte : CERIS-Rio

De 1 994 pessoas, entre 7-24 anos, que assistem à missa, 1 230 têm curso primário ou estão fazendo ainda esse curso. 746 pessoas já fizeram a escola primária. Notável é que 535 pessoas de instrução secundária assistem à missa na paróquia de São Miguel, e só 148 na paróquia de Nossa Senhora da Luz. Esse grupo prefere assistir à missa em São Miguel. No domingo do recenseamento foi realizada, pela primeira vez, nessa paróquia, uma missa para os estudantes do Colégio São Vicente, o qual geograficamente fica na outra paróquia. Nessa categoria, encontramos só 8 pessoas de instrução superior; isso não nos admira, porque em Irati não existe sequer um estabelecimento desse grau de ensino.

Lugar de nascimento dos missalizantes

Passamos para um outro aspecto geral do recenseamento. O lugar de nascimento, Irati, é antiga cidade de colonização polonesa. A paróquia de São Miguel é ainda chamada de "a paróquia dos poloneses", e isso não é só por causa dos padres, que são também de origem polonesa.

Quadro V — LUGAR DE NASCIMENTO DOS MISSALIZANTES

Paróquia	Paraná	Brasil	Exterior	Não declarado
São Miguel . . .	1 718	217	65	36
N. Sra. da Luz	1 101	36	21	18
N. S. das Graças	302	10	6	—
TOTAL	3 121	263	92	54

Fonte : CERIS-Rio

Esta questão foi posta só em três grandes categorias. No Estado do Paraná, em qualquer município, nasceram 88,3% dos missalizantes. Dos outros Estados da Federação vêm 7,5% e do exterior, 2,7%. O número de pessoas nascidas fora do País faz em Irati uma percentagem bem maior do que êsses 2,7% da população. O número dos não paranaenses que assistem à missa foi bem maior na paróquia de São Miguel — onde o número foi de 282 para 57 na paróquia de Nossa Senhora da Luz.

Das pessoas que nasceram fora do Estado do Paraná, mas no Brasil, 78 são homens (30%), e 185 mulheres (70%). Por causa dos poloneses, a missa das 10 horas na paróquia de São Miguel é sempre celebrada para os poloneses com a prática e cantos na língua deles. Nessa missa, só 14 pessoas presentes nasceram mesmo na Polônia; os outros (200) são descendentes de poloneses, os quais preferem praticar a religião na língua vernácula.

Profissão dos missalizantes

As categorias mais importantes a estudar aqui são os grupos que têm maior influência na vida social e uma influência ponderável nas mudanças sociais. Não são sempre as pessoas com posições sociais mais elevadas. Êsses grupos, mesmo que constituam minoria, são os mais importantes para a Igreja. A falta de influência desses grupos já encaminhou, em muitos lugares, o processo de descristianização. Achamos que os grupos profissionais mais importantes são : a população masculina ativa e pessoas

ocupadas nas indústrias. Em nossa sociedade, a vida profissional tem uma influência bem mais ponderável do que na sociedade onde o *status* social depende do nascimento ou de forças financeiras.

Notamos logo que as categorias de profissão independente e dependente são relativamente uma minoria. 735 pessoas com profissão independente assistiram à missa: 510 na paróquia de São Miguel; 175 na de Nossa Senhora da Luz e 50 na capela de Nossa Senhora das Graças.

A categoria profissional menor que nós verificamos é a de dependentes, aqueles que trabalham por remuneração a serviço dos outros, do patrão. Essa categoria cabe aos operários nas indústrias iratienses, os funcionários públicos e outros. Dêsse grupo, 478 pessoas assistiram à missa: 320 na paróquia de São Miguel, 135 na paróquia de Nossa Senhora da Luz e 23 na capela de Nossa Senhora das Graças, que fica num bairro inteiramente operário. Só nas indústrias trabalharam, em 1964, mais de 1 300 pessoas.

Quando comparamos o grupo de pessoas ativas (profissão dependente e independente) e de pessoas não economicamente ativas (estudantes e afazeres domésticos) obtemos a seguinte imagem: a população não ativa alcança 1 710 pessoas, ou 50% de todos os missalizantes; a população ativa alcança um número menor: 1 208, ou 34,5% dos missalizantes. Na estrutura populacional, a população economicamente ativa deve ser mais ou menos 56%. Estão faltando dados do censo de 1960 para fazer comparação entre os grupos profissionais em geral e os que assistiam à missa. Em certos grupos aparece bem claro que os estudantes representam o grupo maior de participantes; depois vem a categoria de profissão independente, e, logo em seguida, com quase a mesma presença, a categoria de afazeres domésticos. Na paróquia de Nossa Senhora da Luz essa categoria é relativamente maior do que nos outros lugares de culto. Por falta de dados exatos, não insistimos mais neste ponto; somente faremos algumas observações de ordem geral. O público de praticantes é dominado pelo grupo não ativo; este é o caso tanto para os homens como para as mulheres. Os "não ativos" são constituídos principalmente de jovens estudantes, que ainda não têm contato com a vida ativa.

Nesse grupo de estudantes, contamos poucos de escola técnica. A maior parte é de grupo escolar e de ginásio — um grupo, então, que está ainda sob pressão do ensino católico. A predominância dêsse grupo pode dar à Igreja uma visão restrita do problema religioso. A preocupação com esse grupo talvez seja maior do que deveria ser. Por isso, existe o risco de atribuir predominância aos problemas juvenis; de modo que a Igreja pode ser menos bem adotada pelos adultos. A experiência já bem vasta nos ensina que é uma ilusão crer que a prioridade de preocupação pastoral se põe nas crianças de escola primária e nas primeiras turmas do ginásio. Por várias razões, o mundo dos adultos, dos profissionais, dos operários, dos casais não goza da atenção pastoral de que precisa.

Grau de instrução dos missalizantes em geral

Geralmente, existe uma correlação entre a prática dominical e o nível cultural. Investigamos agora se em Irati existe também uma certa correlação ou se existem causas que negam tal correlação. Não entramos no aspecto do nível cultural dos missalizantes. A instrução tem uma certa relação com a cultura, mas não é a mesma coisa. O tipo de instrução que os pais escolhem para os seus filhos revela certos valores da cultura contemporânea, mas não é igualdade. O número de praticantes, por exemplo, que tem uma formação técnica, é muito pequeno, como na sociedade global. Isso indica que a cultura regional ainda não é caracterizada pela tecnologia, como é já o caso em outras cidades maiores. A hierarquia de valores a respeito da instrução, os valores que determinam uma cultura, é ainda bem clássica, não transformada pelas mudanças de industrialização (9). Os vários tipos de instrução não são variáveis puramente quantitativas. O tipo de instrução não é independente do tipo de trabalho, de moradia, de grupo social, de interesse, de conforto, de possibilidades profissionais, de salário, de poder econômico etc.

Quando comparamos a prática religiosa com a instrução, não é em primeiro lugar com o nível de instrução, mas com o tipo de instrução, considerado não na sua hierarquia, mas nas suas diferenças. Como tipos de instrução, usamos analfabetos; neste tipo cabem também os chamados "semi-analfabetos", pessoas que só sabem assinar o seu nome. Depois, os tipos de ensino primário, secundário, como ginásio, colégio, escola normal ou outro tipo de instrução média. Como quarto tipo, separamos o ensino técnico por motivo da importância desse tipo para os grupos economicamente ativos. Como último tipo, usamos a instrução superior, estudo universitário. Infelizmente, não existem estatísticas civis que indiquem o tipo de instrução dos habitantes. Por falta delas, não podemos comparar as pessoas, segundo o tipo de instrução, que assistem à missa e as que não assistem.

No quadro VI apresentamos os dados gerais da cidade de Irati. Por aí vemos que o grupo sem instrução forma 34,5% de missalizantes, ou 1 221 pessoas. Nesta categoria, encontramos 4 homens contra 7 mulheres. Segundo o número absoluto, encontramos a maior cota na paróquia de São Miguel: 720 pessoas, ou seja 35,3% dos missalizantes. Relativamente, sobre o total de participantes, encontramos na capela de Nossa Senhora das Graças uma percentagem mais elevada: 36,4%. A diferença dessa categoria vai de 36,4% até 32,7% na Nossa Senhora da Luz. Segundo os dados do IBGE, foram registrados, em 1950, no município de Irati, 40% de anal-

(9) Caracterizada pela cultura iratiense de oratória que está funcionando junto com o Colégio São Vicente. A escola tem como objetivos aperfeiçoar o manejo da língua vernácula, ensinar a falar em público e como dominar as técnicas da liderança democrática. Isso representa certos valores, mas que, para o desenvolvimento da sociedade de hoje, não são mais funcionais.

fabetos. Depois de 15 anos, certamente melhorou essa situação, especialmente no centro da cidade. A presença dessa categoria da população na missa parece bem alta. Sem uma referência exata ao número de analfabetos em Irati, podemos concluir que a falta de instrução não é um fator que afasta da missa dominical.

Quadro VI — TIPO DE INSTRUÇÃO DE MISSALIZANTES EM IRATI

Tipo de instrução	N.º	Homens	%	Mulheres	%	% sobre o total de participantes
analfabetos	1 221	444	36,6	776	63,4	34,5
ens. primário	1 591	767	48,2	824	51,8	45,0
ens. secundário	556	150	26,9	406	73,1	15,7
ens. técnico	82	64	78,0	18	22,2	2,3
ens. superior	80	32	40,0	48	60,0	2,2
Total	3 530	1 457	41,2	2 072	58,8	—

Fonte : *CERIS-Rio*

O grupo de pessoas que têm só instrução primária foi de 45% de missalizantes, ou de 1 591 pessoas. A predominância de mulheres é aqui muito menor (3,6%). Esta categoria foi relativamente maior na capela de Nossa Senhora das Graças, que foi de 163 pessoas (51,2%); na de Nossa Senhora da Luz, verificamos a presença de 572 pessoas (48,6%), só com instrução primária.

Registramos a menor percentagem na paróquia de São Miguel : 856 pessoas (42%). Em 1963, 4 803 crianças foram às escolas primárias; dessas todas, 2 247 freqüentavam a escola no centro. Ainda que só e todas as crianças das escolas primárias assistam à missa, o número desta categoria de missalizantes parece maior do que de fato foi, em relação ao número total de crianças na cidade. Isso dá a impressão de que este grupo não se fez presente à missa com a mesma percentagem que a dos analfabetos sobre o grupo total de Irati.

Essas duas categorias, juntas, compuseram 79,5% de todos os missalizantes. Na Nossa Senhora das Graças, 87,6%; na Nossa Senhora da Luz, 81,3%; e na São Miguel, 77,3%. É útil saber que 80% das pessoas que assistem à missa não têm instrução nenhuma ou só a primária.

As pessoas de instrução secundária perfazem 15,7% de missalizantes, ou 556 pessoas. Nesta categoria, verificamos uma diferença notável entre homens e mulheres. Os primeiros alcançam só 26,9% do grupo inteiro; as mulheres, 73,1%. É uma diferença maior do que na categoria de analfabetos, dentro da qual as mulheres perfazem, na realidade, uma maior

parte. Notamos também a diferença por paróquia: 371 (18,2%) na São Miguel, 157 (13,3%) na Nossa Senhora da Luz, e 28 (8,8%) na Nossa Senhora das Graças. Na paróquia de São Miguel a mesma categoria é duas vezes mais numerosa do que nos outros lugares de culto. Ainda na mesma constatamos também maior diferença entre os sexos: 75 homens (20,2%) e 296 mulheres (79,8%). Este último número recebe influência muito forte de toda a categoria de instrução secundária. Isso deve ser por causa de estudantes internas e talvez externas do Colégio das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo. Um certo grupo, então, nesta categoria, assistiu à missa levado pela obrigação e pressão social notável.

Em 1963, Irati contava, nas escolas médias, 1 013 alunos: 457 do sexo masculino e 556 do sexo feminino. Nas missas encontramos só 556 pessoas de instrução secundária. Isso indica que uma parte ponderável destes estudantes não assistia à missa, e outros iam porque obrigados.

A categoria de instrução técnica é muito pequena: 80 alunos (2,3%). A mesma varia de 2,2% na paróquia de São Miguel para 2,7% na de Nossa Senhora da Luz e para 1,2% na de Nossa Senhora das Graças. No ensino técnico contamos, em 1963, 112 alunos: 98 do sexo masculino e 14 do feminino. A diferença aqui entre os dois sexos é a diferença comum (2-3). O censo de 1950 indicou em Irati 42 pessoas com curso superior. Quatorze anos depois, encontramos nas missas 80 indivíduos com instrução superior. Isso indica um alto grau de praticantes nesta categoria. Na paróquia de São Miguel verificamos a presença de 43 pessoas de instrução superior (2,1% dos missalizantes). Na paróquia de Nossa Senhora da Luz foram 30 (2,5%), e, na de Nossa Senhora das Graças, 7 (2,2%) de todos os participantes.

Apresentamos, no quadro VII, os dados mais pormenorizados a este respeito.

Os quadros V e VI demonstram-nos que a característica dos missalizantes é o baixo grau de instrução; falta especialmente o grupo de instrução média. A prática de pessoas com curso universitário deve ser uma taxa muito alta. Predominância de crianças e jovens, e predominância do elemento feminino. Porque faltam na missa as faixas da população com instrução técnica, média, profissão dependente, elemento masculino, grupos de casais, formulamos aqui uma hipótese, ainda que com muito cuidado, a respeito da correlação entre prática dominical e tipo de instrução.

1. *Analfabetos*

Os analfabetos freqüentam a missa em alta percentagem. Pode ser que a missa para eles pertença totalmente à cultura global da sociedade. Não assistir significa não participar plenamente da cultura corrente. Freqüentar a missa deve ser para eles um ato muito tradicional. Na pastoral paroquial, esta categoria e em parte a categoria de instrução primária encontram um sistema religioso, geralmente aceito, com aspectos tradicionais.

Também o fator de imigração polonesa influencia bastante a prática religiosa das últimas categorias. Os poloneses já se acostumaram na pátria

a aceitar a prática dominical, em alta percentagem, como valor sócio-religioso. Por falta de clero, de meios de instrução etc., muitos desses imigrantes descem na escala social e também diminuem o conhecimento da religião, a vivência da prática e a atualização da vida religiosa em relação às mudanças sociais que Irati está sofrendo, por causa da mecanização da agricultura, do desenvolvimento rápido da população urbana e do aumento de indústrias não madeireiras.

Quadro VII — TIPO DE INSTRUÇÃO DOS MISSALIZANTES

Farróquia	Tipo de instrução	Total	Homens	%	Mulheres	%	% sobre total de missaliz.
São Miguel	analfabetos	720	269	36,9	461	60,1	55,9
	primária	856	443	51,9	411	48,1	42,0
	secundária	371	76	20,2	301	79,8	18,2
	técnica	48	32	69,5	14	30,5	2,2
	superior	43	16	37,2	27	62,7	2,1
	subtotal	2 038	827	40,6	1 204	59,4	100,0
N. Sra. da Luz	analfabetos	385	144	37,4	241	62,6	32,7
	primária	572	282	45,8	310	54,2	48,5
	secundária	167	87	42,0	90	57,4	13,3
	técnica	32	29	80,6	3	9,4	2,1
	superior	30	14	46,0	16	53,4	2,7
	subtotal	1 178	516	43,8	660	56,2	100,0
N. Sra. das Graças	analfabetos	110	41	35,3	76	64,7	30,4
	primária	163	60	36,8	103	63,2	61,3
	secundária	28	8	28,5	20	71,5	8,8
	técnica	4	3	75,0	1	25,0	1,2
	superior	7	2	28,5	5	71,5	2,2
	subtotal	313	114	36,6	204	64,2	16,0
	TOTAL	3 530	1 457	41,0	2 088	59,0	100,0

Fonte : CERIS-Rio

2. Instrução média

A categoria de instrução média mostrou uma taxa de prática muito baixa, sobretudo por parte do sexo masculino. Estas pessoas, com uma formação mais elevada e por isso mais crítica, podem afastar-se de outros grupos de instrução mais baixa.

A estratificação social, os valores sócio-religiosos nesta categoria, o prestígio social, o sistema religioso atual, a atualização da religião, a falta de interesse especial por este grupo por parte da Igreja, podem ser sérios fatores que influem na prática dominical. Observando-se, de fora, logo se nota que certas práticas nos lugares de culto em Irati não podem agradar a esta categoria, embora esse novo "grupo motor", cuja influência está crescendo em Irati, não tenha ainda achado uma vida religiosa que se lhe adapte. Louváveis são as tentativas do Colégio São Vicente nesse campo.

3. *Formação universitária*

A categoria de formação universitária tem uma taxa de prática bem alta, de modo especial entre as mulheres.

Este grupo não dá a impressão de mudanças de mentalidade. É uma categoria tradicional, que pratica também por motivo de prestígio social. Tentativas, feitas por eles mesmos, de renovar a visão social e religiosa não deram certo.

Grau de instrução de missalizantes por missa

Depois das explicações dadas no subtítulo anterior, tratamos brevemente do mesmo assunto por paróquias e por missa.

1. *Paróquia de São Miguel*

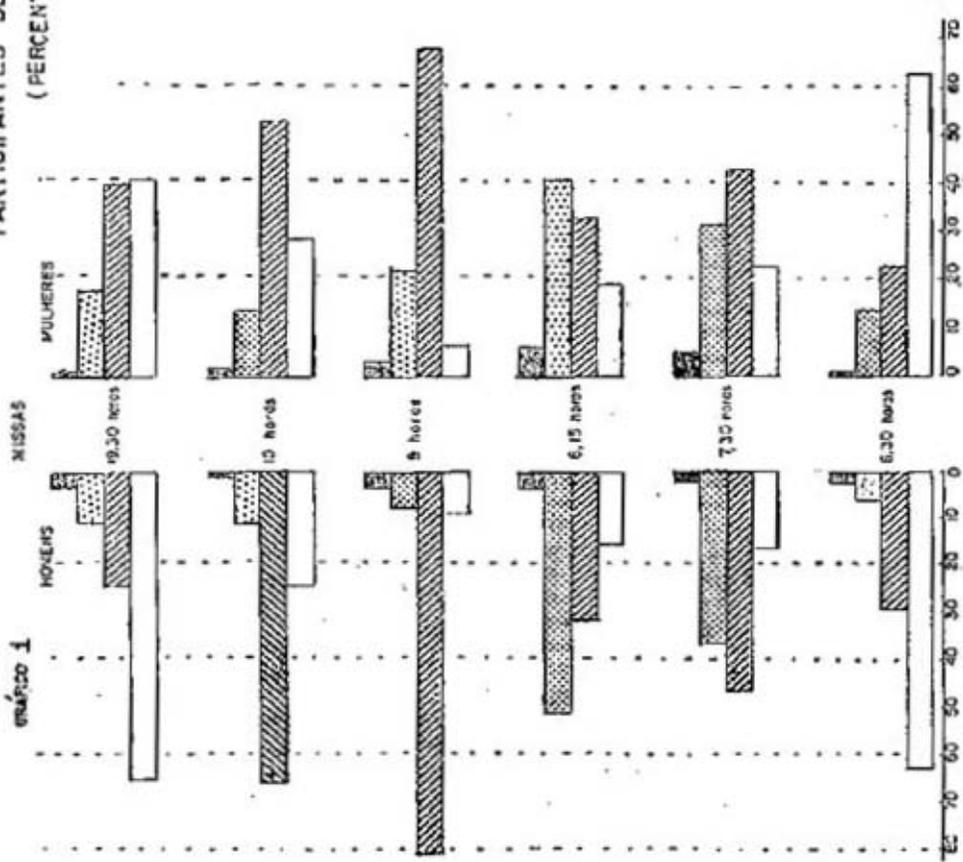
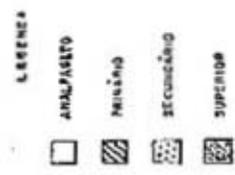
O gráfico a seguir indica-nos os participantes segundo o grau de instrução, percentualmente, e não indica os números absolutos. Os números absolutos de analfabetos, segundo as missas, são os seguintes :

6,30 h — 226	9,00 h — 37
8,15 h — 63	10,00 h — 49
7,30 h — 40	19,30 h — 465

São sobretudo a primeira e a última missas que foram escolhidas pela categoria de analfabetos. A missa vespertina foi freqüentada por 92% de analfabetos. Na primeira missa da manhã, a percentagem foi ainda maior do lado feminino. Em todas as missas os analfabetos estiveram presentes, mas, percentualmente, foi quase nula nas missas das 9 horas e das 8 e 15. Na primeira e na última missas dominam fortemente os analfabetos. Em todas as missas das 7 e 30, 9 e 10 horas domina o grupo de instrução primária, quase igualmente dividido entre os homens e as mulheres; só na missa das 10 horas há mais homens que mulheres, com esse tipo de instrução. Especialmente na missa das 9 horas, 75% dos missalizantes tinham só instrução primária. A única missa onde predominou a percentagem das pessoas com instrução secundária foi a das 8 e 15 : a missa dos estudantes.

PARTICIPANTES DE CADA MISSA, SEGUNDO A INSTRUÇÃO E SEXO (PERCENTAGEM SOBRE O TOTAL DE CADA MISSA)

PARÓQUIA SÃO MIGUEL - IRATI



Também na missa das 7 e 30 a presença deste grupo foi notável. Os intelectuais estiveram presentes em cada missa, mas em maior percentagem nas missas das 8 e 15 e das 7 e 30, as mesmas que foram frequentadas por pessoas de instrução secundária.

2. *Paróquia de Nossa Senhora da Luz*

Percentualmente, o número de analfabetos é um pouco mais elevado do que na paróquia de São Miguel. Este grupo domina em três missas: das 6 e 30, das 10 e das 19 e 30. Na missa das 8, a parte feminina se compõe grandemente de analfabetos. Com mais de 62% de mulheres analfabetas e 37% de homens, notamos que, em tôdas as missas, a parte feminina tem percentagem maior de analfabetos. Em números absolutos, a participação foi a seguinte:

9,00 h — 18	
8,00 h — 143	19,30 h — 122
6,30 h — 290	10,00 h — 122

Pessoas de instrução primária estão presentes em tôdas as missas, mas predominam mais nas missas das 9 e das 8 horas, com uma percentagem de 60%.

Encontramos também pessoas de instrução média em tôdas as missas, e nenhuma missa parece mais preferida por este grupo, como foi o caso na paróquia de São Miguel.

A categoria com instrução superior está também presente em tôdas as missas, mas em maior percentagem na missa das 9 horas. Esta missa tem o menor número de analfabetos e o maior número de pessoas com instrução superior e média. Embora não exista uma missa especial para os estudantes, a missa das 9 foi escolhida para o grupo mais intelectual.

3. *Capela de Nossa Senhora das Graças*

A composição das categorias mencionadas é mais ou menos igual nas duas missas. Pequenas diferenças existem a respeito da categoria de instrução primária, que está mais presente na missa das 9 horas, e da categoria de instrução média, que está presente com maior percentagem na missa das 8 horas. Segundo a instrução, as missas não recebem caracterização especial.

Distribuição dos missalizantes, segundo os grupos de idade

Juntando os participantes das 13 missas, nos três lugares de culto, podemos apresentar o quadro VIII, que nos dá uma primeira idéia de participantes segundo os grupos de idade.

Dados mais detalhados encontram-se no relatório separado para os vigários de Irati.

Quadro VIII — MISSALIZANTES SEGUNDO SEXO
E GRUPO DE IDADE DE IRATI

Idade	Total	% sobre o total de missalitz...	Homens		Mulheres	
			N.º	%	N.º	%
6—8	230	6,5	110	47,8	120	52,2
9—11	440		159	35,1	281	73,9
12—14	501	14,1	196	39,1	305	60,9
15—19	742	21,0	249	33,5	493	66,5
20—24	369	10,4	167	45,2	202	54,8
25—29	241	6,8	113	46,8	128	53,2
30—34	205	5,8	100	48,7	105	51,3
35—39	182	5,1	79	47,9	103	52,1
40—49	277	7,8	121	43,6	156	56,4
50—59	188	5,3	84	44,6	114	55,4
60—69	124	3,5	60	48,3	64	51,7
70—	31	0,8	17	54,8	14	45,2
Total	3 530	100,0	1 455	41,0	2 085	61,0

Fonte : CERIS-Rio

De 3 530 pessoas que freqüentam a missa, encontramos uma grande percentagem de crianças e jovens. Na idade de 6-11 anos, mais ou menos igual à idade de escola primária, encontramos 18,9% de todos os missalizantes. Dentre as 670 crianças que compõem este grupo, 60% são do sexo feminino. No grupo de 12 até 19 anos verificamos também uma presença notável de 1 243 pessoas, ou 35,1% de todos os participantes; na categoria de 15-19 anos observamos uma queda no lado dos-homens, os quais participam deste grupo só em 33,5%, e as mulheres em 66,5%.

O grupo de casais jovens até 30 anos participam com 17,2%. Aqui a média de mulheres não se mantém. Em geral, a média foi de 6 mulheres contra 4 homens. Depois da idade dos 19 anos, as mulheres têm uma média mais baixa, em redor de 53%. Subindo a escala de idades depois de 19 anos, é cada vez menor o grupo de participantes pelo lado das mulheres e maior pelo dos homens. Entre as pessoas casadas, as mulheres percentualmente freqüentam menos abaixo da média do que os homens, que freqüentam, nessa idade, acima da média. No grupo de 6-19 anos, observamos o contrário: os homens praticam segundo uma taxa abaixo da média; as mulheres acima da média; por isso, também a queda depois dos 19 anos é maior por parte das mulheres.

Não entramos aqui numa explicação sociológica deste fenômeno; mas pode ser que o grupo de crianças e moças até os 19 anos talvez esteja sob uma certa pressão da escola ou dos pais para assistir à missa; quando isso já não ocorre, a prática religiosa decresce. Pode ser também que faltem quadros para formação ou engajamento católico para os grupos da segunda metade da juventude e depois ainda.

Encontramos as características mencionadas nos três lugares de culto. Como exemplo, apresentamos alguns dados da paróquia de São Miguel. Os grupos de idade até 19 anos representam 1 091 pessoas sobre o total de 2 036 (54,5%). Nestas categorias de idade, a participação das mulheres fica mais elevada: 694 mulheres contra 397 homens. Isto é, 58% de mulheres missalistas têm a idade de 19 anos ou menos, enquanto para homens na mesma faixa etária a percentagem é de 49,5. Isso implica em que as mulheres adultas perfazem 42% de mulheres praticantes; para os homens, essa percentagem é de 50,5. Embora a média para homens seja 40% e para mulheres 60%, nota-se a relação contrária depois da idade dos 19 anos.

Do grupo de 15-19 anos, 478 pessoas assistem à missa: 316 moças e 162 rapazes. Depois desta faixa, começa o declínio. Do grupo de 20-24 estiveram presentes à missa 214 pessoas, o que dá portanto uma diferença de 264 pessoas (55,2%), ou seja mais da metade. Separando as mulheres, observa-se que 316 moças da idade de 15-19 anos participam, mas do grupo de idade de 20-24 só 114 vieram, com uma diferença portanto de 202 pessoas (63,9%). Entre os homens encontramos 162 jovens na idade de 15-19 anos e 100 dos 20 aos 24 anos, perfazendo pois a diferença de 62 pessoas (38,2%).

1. Nota sobre o sexo feminino

O slogan "devoto sexo feminino" não vale tanto para Irati; restringe-se ao grupo de crianças e jovens. Ficamos ainda com o fenômeno de que um certo grupo de moças, especialmente entre os 9 e 19 anos, pratica muito mais do que os rapazes da mesma idade. As explicações mais convencionais são de tipo moral: dizem que as mulheres têm uma alma mais religiosa do que os homens. A mulher observaria mais facilmente os mandamentos, por docilidade e por falta de senso crítico, sobretudo em matéria de sexualidade. A mulher valoriza mais a religião para resistir às tentações na vida. Sem negar *a priori* o valor destas hipóteses, propomos algumas outras, mais sociológicas.

A religião é, em grande parte, transmitida pela mulher. A mãe de família e a religiosa na escola têm mais influência sobre as moças neste ponto do que o pai e o padre sobre os moços. A influência destes é mais a longo prazo. Isso pode explicar-nos particularmente a grande diferença na prática dominical de crianças e moças, sem perseverança depois de certa idade. Uns pontos de interrogação merecem ser considerados: em que medida as moças são proibidas de tomar contato com os fatores cul-

turais hostis à religião? e em que medida elas ficam fora da participação da vida social? em que medida as moças são mais conservadoras do que os moços? em que medida são teuzes aos valores religiosos que a sociedade global já pôs em dúvida? — Poderíamos perguntar também se a pastoral não se preocupa mais com esta categoria do que quaisquer outras, especialmente pelas congregações femininas.

2. *Os grupos de idade participantes das missas em relação com os mesmos na população de Irati*

Já verificamos que a taxa geral da prática dominical foi de 25% sobre a população obrigada a assistir à missa. Segundo as categorias de idade, notamos uma diferença. Certos grupos praticam numa percentagem superior a êsses 25, outros em percentagem menor. No quadro IX apresentamos as percentagens de prática em cada faixa de idade.

Quadro IX --- PRÁTICA DOMINICAL, POR GRUPO DE IDADE EM IRATI

Grupo de idade	% de missalizantes	Grupo de idade	% de missalizantes
7-11	26,8	35-39	18,0
12-14	33,0	40-49	15,4
15-19	37,1	50-59	17,0
20-24	28,4	60-69	20,0
25-29	17,1	70-	10,9
30-34	16,0	Geral	25,1

Fonte : CERIS-Rio

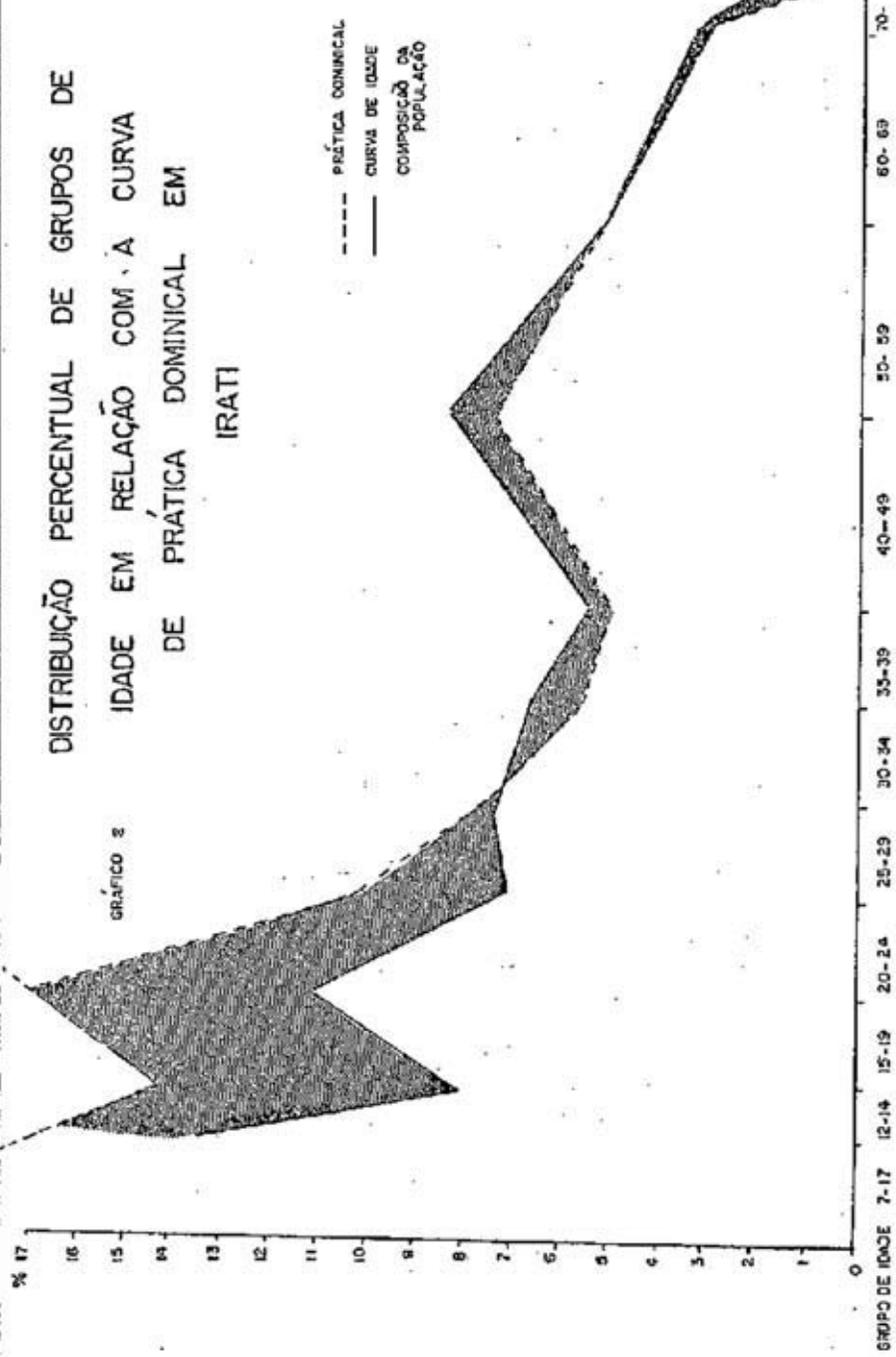
Verificamos novamente no quadro IX os mesmos fenômenos já várias vezes mencionados no item que estamos desenvolvendo. É de notar talvez aqui que o grupo de 70 anos e mais não freqüente muito a missa, achamos que por falta de condução ou saúde.

No gráfico 2 apresentamos o último dado a respeito de grupos de idade. O gráfico mostra duas curvas. A curva fechada indica a percentagem de grupos de idade sobre a população total da cidade. A curva aberta indica a percentagem dos mesmos grupos de idade sobre o total de missalizantes.

O grupo de 7-11 anos perfaz 13,6% da população total. Entre todos os missalizantes, é este grupo que alcança mais de 17%. Até a idade de 29 anos, encontramos percentualmente mais pessoas entre os missalizantes do que na população total. Depois da idade de 29 até 60, 70 e mais, constatamos o contrário. Percentualmente, os grupos de idade presentes nas missas fazem uma curva mais baixa do que os grupos de idade sobre

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE GRUPOS DE
 IDADE EM RELAÇÃO COM A CURVA
 DE PRÁTICA DOMINICAL EM
 IRATI

GRÁFICO 2



a população total. Isso implica em que as idades a partir dos 29 até 70 e mais anos freqüentam menos do que a média de 25%, com uma pequena recuperação no grupo de 60-69 anos. A partir de 7 até 29 anos freqüentam com uma percentagem acima desses 25.

Ordem de preferência das missas

Podemos estudar a preferência em relação a vários itens, mas aqui limitaremos o assunto e faremos só a comparação entre a ordem de preferência e grupos de idade.

1. Paróquia de São Miguel

A ordem de preferência em geral é a seguinte :

19,30 h	—	518	pessoas
9,00 h	—	494	"
8,15 h	—	363	"
6,30 h	—	229	"
10,00 h	—	214	"
7,30 h	—	206	"

Quando separarmos homens e mulheres, a ordem mudará :

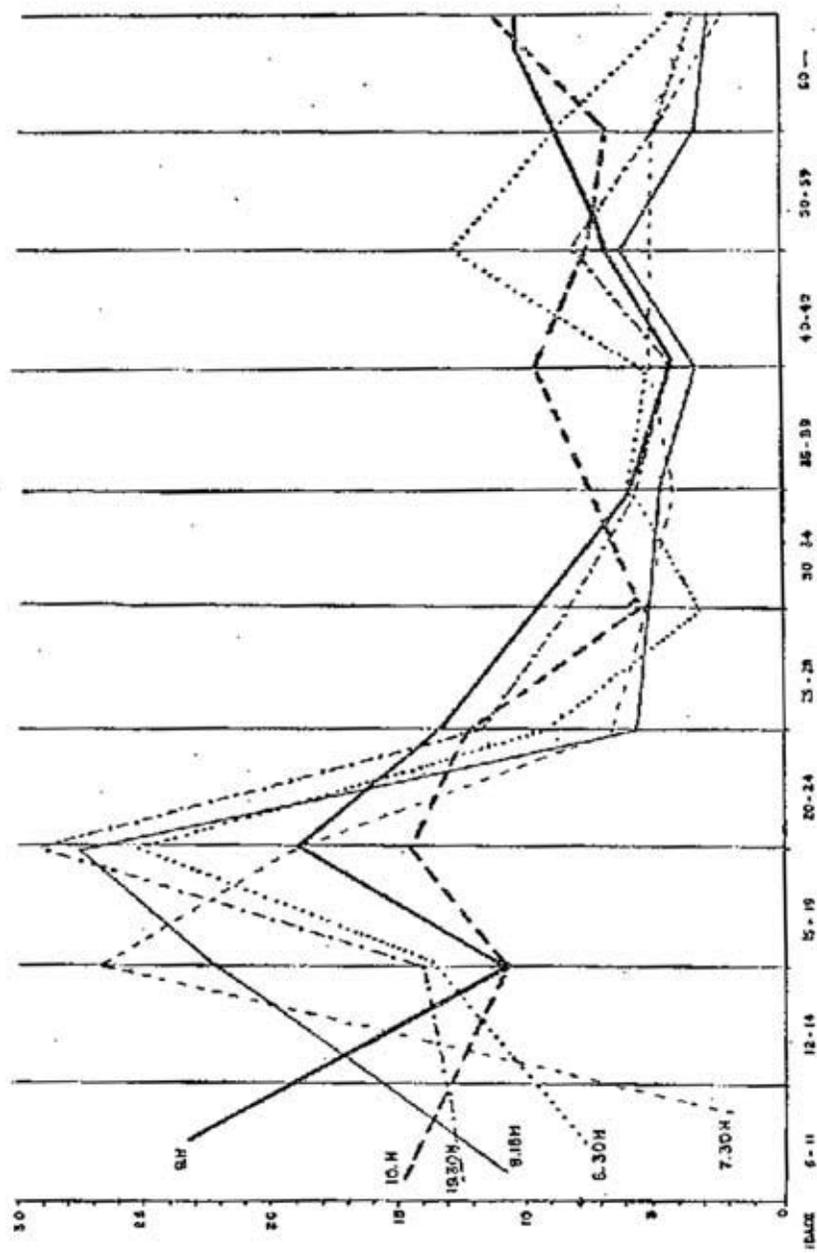
<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
9,00 h — 216	19,30 h — 314
19,30 h — 204	9,00 h — 278
8,15 h — 167	8,15 h — 196
10,00 h — 121	6,30 h — 179
7,30 h — 51	7,30 h — 155
6,30 h — 50	10,00 h — 93

As missas mais concorridas foram as das 19 e 30, 9 e 8 e 15; mas em ordem diferente : os homens preferem a missa das 9, enquanto as mulheres vão mais à missa vespertina. As mulheres preferem também as missas das 6 e 30 e das 7 e 30 mais do que os homens.

O gráfico 3 indica-nos uma grande participação, em tôdas as missas, dos grupos de idade de 12 até 24 anos.

A curva da missa das 6 e 30 classifica uma participação muito alta da idade de 15-19 anos, de 40 até 60. O grupo de 25-35 participa dessa missa com uma taxa menor que a de qualquer outra missa. Os grupos presentes nessa missa se destacam bem claramente. A missa das 7 e 30 tem a mais alta taxa de jovens entre 12-19 anos e poucos adultos, especialmente na idade de 30-34 anos. A missa das 8 e 15 tem mais crianças do que as missas anteriores e uma alta percentagem de pessoas entre os 12

GRÁFICO 3
 ORDEM DE PREFERÊNCIA DAS MISSAS, SEGUNDO GRUPOS
 DE IDADE NA PARÓQUIA DE S. MIGUEL (IRATI)



e 19 anos bem como dos 40 até os 60. A missa das 9 horas tem a percentagem maior de crianças de 6-11 anos e de pessoas de idade entre 25 e 34 e de 60 e mais anos. Esta missa destaca-se claramente das outras pela presença relativamente alta do grupo de 25-34 anos, cuja prática é baixa; junto com as pessoas deste grupo estão relativamente muitas crianças e pessoas idosas.

A missa das 10 horas tem a percentagem menor do grupo de idade de 15-24 anos. Em tôdas as missas este grupo pesa muito sobre o total de missalizantes; não é o caso nesta missa. A missa mais para a categoria dos 35 até 50 anos. A missa das 19 e 30, que é a mais concorrida, é mais a missa de jovens dos 15-19 anos, cuja maioria são mulheres; outros grupos presentes não oferecem maior destaque.

2. Paróquia de Nossa Senhora da Luz

A ordem de preferência em geral é a seguinte :

8,00 h	—	399	pessoas
6,30 h	—	298	"
9,00 h	—	242	"
19,30 h	—	122	"
10,00 h	—	118	"

Esta ordem vale tanto para homens como para mulheres. Só na missa das 10 horas há mais homens (71) do que mulheres (47); observamos aqui o menor número de mulheres em tôdas as treze missas de Irati. A ordem de preferência nesta paróquia é bem diferente da de São Miguel, onde a missa vespertina e a das 9 foram mais concorridas. Na paróquia de Nossa Senhora da Luz, é este o caso com as missas das 8 e das 6 e 30.

A missa das 6 e 30 não se destaca sob aspecto de grupos de idade; cada grupo está presente com uma média. Notável é o número de crianças (75) de 6-11 anos. A missa das 8 horas demonstra ser a missa das crianças (125) e dos jovens até os 14 anos, notando-se ao mesmo tempo um maior número de pessoas idosas (17). A missa das 9 evidencia-se pela presença de grupos de adultos desde os 30 anos. As missas das 10 e das 19 e 30 destacam-se pela ausência de crianças e de jovens; são caracterizadas pela presença de grupos mais idosos a partir dos 50 anos.

3. Capela de Nossa Senhora das Graças

Foram celebradas duas missas : a das 8 e a das 9 horas. Na missa das 8 contamos 104 pessoas : 36 homens e 68 mulheres, crianças e jovens até a idade de 34 anos. Na missa das 9 horas estiveram presentes 214 pessoas : 78 homens e 136 mulheres. Esta é a missa das crianças; são poucos os missalizantes com mais de 15 anos. Os adultos não manifestam muita preferência para assistir à missa nesta capela.

Observações feitas pelos missalizantes

No fim da ficha usada no recenseamento, os missalizantes tiveram oportunidade de fazer observações a respeito da missa ou da paróquia. Fêz-se isso para conhecer um pouco mais claramente os desejos deste grupo de católicos que assistiam à missa. No total foram feitas 2 231 observações. Isto indica que 63,6% de missalizantes aproveitaram esta oportunidade de comunicar um ou outro desejo. A mesma percentagem coincide com a percentagem de missalizantes de 16 anos e mais. Muitas observações indicam-nos que os fiéis praticantes gostam de maior participação na missa. No dia do recenseamento na diocese ainda não havia sido permitida a missa em português. A maioria queixa-se disso em suas observações.

No quadro X damos uma idéia global das observações mais importantes.

Quadro X — OBSERVAÇÕES FEITAS PELOS MISSALIZANTES EM IRATI

<i>Observações</i>	<i>N.º</i>	<i>%</i>
Missa cantada	720	32,3
missa em português	573	25,6
missa em latim	247	11,0
missa dialogada	189	8,4
missa dialogada com explicação	180	8,0
missa com sermão	120	5,3
missa em silêncio	84	3,7
missa rezada com tço	82	3,7
missa sem sermão	27	1,2
missa em polonês	9	0,4
<i>Total</i>	2 231	100,0

Fonte : *CERIS-Rio*

Embora 11% das observações feitas tratem da missa em língua portuguesa e ainda 7,4% gostem de assistir a uma missa rezada em silêncio, pois assim o ambiente é mais propício para rezar o tço; a grande maioria quer uma participação maior, seja em forma de cantos, de língua própria ou com orações comuns junto com explicação. Muito pequena é a parte que está bem contente com a missa tradicional. Bem notável é que uma terceira parte gosta da missa cantada.

Estas observações, podemos prudentemente aplicá-las também aos 75% dos católicos que não assistiram à missa nesse domingo determinado. Já que 80% das pessoas é que fizeram alguma observação para aumentar a possibilidade de participação maior na missa, podemos aceitar que tal fato é um desejo de quase todos os católicos de Irati. Um culto mais popular é mais compreensível e capaz de ser mais simpático e mais assistido. Seria útil não negar estes votos de renovação entre os missalizantes e talvez entre todos os católicos de Irati.

CURSO INTENSIVO DE RÁDIO, TELEVISÃO E REDAÇÃO

Promovido pelo Departamento de Imprensa da seção estadual da CRB-SP, sob o patrocínio da Faculdade de Jornalismo Casper Líbero, da Pontifícia Universidade Católica, haverá em São Paulo um Curso Intensivo de Rádio, Televisão e Redação, *exclusivamente para sacerdotes*, ministrado por professores da mesma Faculdade.

O início do Curso será no dia 7 de janeiro de 1966, às 9 horas, na sede da Faculdade Casper Líbero à Avenida Casper Líbero, 58, 8.º andar, Edifício Santa Júlia, em frente à Igreja Santa Ifigênia. Nos demais dias, as aulas serão das 8 às 12 e das 14,30 às 18 horas. O término será em 15 de janeiro.

O Curso é de nível universitário. No final, a Faculdade concederá a cada participante um Certificado.

As inscrições deverão ser feitas até 8 de dezembro no referido Departamento de Imprensa da CRB-SP (Rua Venecslau Brás, 78, 6.º andar, S/612, fone: 37-8609, São Paulo), das 8,30 às 11,30 e das 14 às 18 horas. A taxa de inscrição é de Cr\$ 8 000. No local do Curso será servido almoço e café (aos que quiserm) a Cr\$ 1 500 por dia.

Do *temário*, destacamos: Documentos da Igreja sobre os meios de comunicação social — A redação de conferências (o segredo de sua confecção rápida e convincente) — A dicção perfeita e uso do microfone — Programas de formação religiosa — Catequese pelo Rádio — Irradiação de solenidades religiosas — Novelas religiosas — Publicidade — Filmagem — Dramas na TV e palco.

Educação Católica, Por Quê ?

CARLOS DE LA FUENTE, S.J.

A escola pública está em pleno desenvolvimento. Eis um fato inegável. Muitos, com razão, se preocupam com que os professores da escola pública sejam almas apostólicas ou, ao menos, que em tais escolas não falem as... "aulas de religião". Alguns vão mais longe: levantam-se contra a escola particular, a católica sobretudo, só lhe apontando defeitos.

O artigo do Padre Carlos de La Fuente (transcrito de CÍDOC Informa, vol. II, n.º 15, pp. 216-220) nos leva a refletir sobre a razão e função da escola católica. Ela é necessária, mas deve, obrigatoriamente, ter um estilo, sob pena de criarmos caricaturas de escolas católicas, que justificariam de algum modo as críticas de seus adversários.

A REDAÇÃO

POR QUE a Igreja se faz presente na educação ? Ela que ensine religião, que comunique a fé ! Não lhe incumbe a educação. Por que escolas católicas quando o Estado se encarrega da educação de todos ? Acaso existe matemática, cultura, música cristã que não soa igual na escola pública ? Ou será que querem formar um gueto ?

O título *Mater et Magistra* lhes parece excessivamente largo : deixam *Mater* e cortam *Magistra*. A Igreja defende ambas as facetas, porque deve comunicar não só a fé mas também um certo mundo da fé, um certo contexto de cultura que seja homogênea com a fé e onde esta possa se desenvolver. O cristianismo não é apenas um código de preceitos, mas uma visão do mundo concretizada em cada uma de nossas ações.

Há uma cultura cristã ?

A cultura, como produção do homem em tôdas as suas atividades, tem já uma abertura natural para Deus. O cristianismo unicamente leva até a plenitude o sentido da cultura :

“O homem, considerado em seu limite humano e terreno, é um ser que, através das relações que mantém com o mundo e com os seus semelhantes, tende ao Absoluto, cujo nome é Deus. A revelação cristã leva ao seu término esta abertura estrutural do homem” (1).

Podemos dizer : há uma contribuição cristã à cultura, porém não estritamente uma cultura cristã. Porque o humano tem em si uma relação com o sobrenatural. O que há de puramente cristão é a fé, a esperança e a caridade por mediação de Cristo, o que é totalmente sobrenatural. Tudo o mais é estrutura meramente humana. Assim, a cultura, sendo fiel a ela mesma, se abre ao cristianismo. O budista asiático, o muçulmano africano, o comunista russo, sem ferir o fundo humano sobre o qual assenta, pode possuir uma “alma naturalmente cristã” — segundo expressão de Paulo VI — se permanecer fielmente atento ao que de eterno possui o homem.

Se não se dá uma cultura especificamente cristã, qual é esse contexto de cultura necessário para que a fé se desenvolva ?

O mundo da fé

A fé necessita de uma seiva fertilizante para não morrer, de condições climatéricas : o mundo da fé. O homem, sendo ao mesmo tempo espírito encarnado — ou corpo espiritualizado — necessita em sua ideologia e em sua ação de uma unidade na qual não se vejam divorciados o espiritual e o material, porque sua ação exige todo o seu ser. (Não é só a alma e o corpo mas a pessoa que adora a Deus...). Assim a fé necessita estar em consonância com todos os supostos culturais dentro dos quais ela se move.

Este mundo da fé, ou a *geografia* onde ela vive, é o mundo do homem no seu melhor sentido. Seu papel consiste em assinalar com o dedo tudo de bom ou genuíno que o homem produziu na sua história, sem se desviar da lei natural, dessa imagem de Deus e de si, que o homem lê no seu interior quando não o cegam os preconceitos.

Existem culturas e filosofias — produtos desviados do homem — que cobriram com um estuque de mau gosto a obra genuína do Criador e do Homem na sua linha criadora. A missão deste mundo da fé que a Igreja exerce consiste em restaurar a obra de arte autêntica, tirar-lhe o que houver de posição e vigiar para que os “escarioladores” — laicismo, comunismo, positivismo... — não adulterem o fundo humano original,

(1) CHRISTIAN DUQUOC — *La Realeza de Cristo*, Selecciones de Teología, N.º 10, 1964, p. 221.

o tipo humano autêntico. Por outra parte, nesse fundo humano comum podemos nos entender com laicistas, comunistas e todos os demais homens de boa vontade.

Num mundo, em mudança acelerada, em que os valores transcendentais são postos em dúvida ou entre parênteses, "onde não coincidem mais os valores de cultura e coesão social, onde não há já a certeza meta-empírica, mas tão-somente leis subjetivas — que irá a Igreja fazer, ela que pretende... ter uma visão de síntese, de bom sentido e de doutrina sobre o destino?" (2).

Ela pretende salvaguardar esse núcleo eterno do homem, sua idéia transcendente, seu dinamismo impulsionador fazendo o seu aperfeiçoamento. Este é o núcleo humano, o mundo da fé em seu aspecto natural.

Porém, a fé não permanece estranha aos interesses do homem; enxerta-se neles. O cristianismo, sem destruir a cultura, completa-a, amplia sua visão: a integração num Todo, em um ser Uno para o qual se dirige o cosmo — a realização em Cristo por obra do Amor. Matéria e Espírito organizam manifestação apotéótica: a Unidade e a Harmonia em Cristo no fim dos tempos. Entretanto, todo o cosmo, a ordem social, geme sob os desajustes. O cristão tem como missão fazer com que a Natureza, os semelhantes, a sociedade evoluam para essa meta. O cristianismo é o depositário desta tarefa que Cristo iniciou na Ressurreição e que em certo sentido consumou, mas que tem de ser realizada no tempo com elementos humano-temporais.

Educação católica — síntese

"Para uma criança, um adolescente ou um jovem, a comunidade, graças à qual se fará a síntese viva de sua cultura e de sua fé, é a escola confessional... Aprende-se a viver vivendo, não se prepara ninguém para a vida e sim se ajuda a viver hoje para que ele continue vivendo amanhã" (3).

A educação católica, em seu ideal pedagógico, forma socialmente o homem futuro, porém com um *enfoque* próprio: como menino que pertence a um meio familiar com ideologia católica. A diferença essencial entre ela e a escola neutra está em que esta refere a criança à nação e a considera mais como cidadão, prescindindo de sua ideologia familiar, enquanto que a escola católica visa o cidadão futuro através da primeira sociedade de que faz parte: a família. No fundo se trata de duas pedagogias distintas: a escola leiga insiste mais na instrução, no poder da razão, substitui a relação criança-educador-pais por criança-professor-Estado; a escola católica afirma que a educação é mais que instrução, que

(2) JACQUES COUSINEAU — Reflexions sur l'école chrétienne, Relations, sup., 1964, p. 257.

(3) J. COSINEAU — art. cit., p. 258.

a razão humana se enriquece com a fé, defende a relação criança-educador-pais como a mais natural e primordial. Crêem os católicos que educação — melhoramento — é mais uma encarnação... do que uma saturação de conhecimentos. Inclui também a instrução, mas esta instrução, ainda que indiretamente, não pode prescindir das "noções fundamentais de ordem filosófica ou religiosa, da idéia de homem e seu destino e da inspiração básica em que inevitavelmente se baseia a idéia educacional", que é a doutrina católica (4).

Uma aula de religião não basta para conseguir este fim. A criança é incapaz de sintetizar dois conhecimentos que se repartem em compartimentos diferentes. Além disso, é dever de todo o homem conhecer a Deus na luz plena de sua Revelação, de sua Comunicação, e sentir sua ação e reconhecê-la em cada um de nós, enchendo nosso ser e comprometendo-nos por inteiro : isto implica uma filosofia da vida e da ação que uma aula isolada é incapaz de desenvolver.

Não se encontrando esta série de condições na escola pública atual, os católicos edificam as suas escolas, colégios e universidades. Sistema educacional que deveria se reconhecer como o cumprimento de uma função social e digna de ser ajustada pelo Estado, pois responde ao desejo mais íntimo de um grande setor da população. E, aqui, poderíamos perguntar : até que ponto o Estado está servindo à comunidade quando está mutilando as suas aspirações mais íntimas, como é esta da educação católica (algo mais que uma possível aula de religião), quando cria situações em que só alguns cidadãos católicos com meios econômicos podem satisfazer a este desejo profundo ?

Um gueto, não

A escola católica não tem função profilática de isolar os jovens do vírus do ambiente. Ela é um trampolim para lançá-los à vida abertamente, dá o impulso que retém antes do salto.

E para levar algo à sociedade, nós católicos temos que ser autênticos, viver nossa própria ideologia com um estilo próprio : o não conformismo com um ambiente injusto e inumano, o compromisso que significa viver o Evangelho. Assim levaremos nossa contribuição humano-divina à sociedade, dar-lhe-emos isso que a sociedade não cristã não possui e que a escola cristã pretende inculcar : a visão fraterna do mundo repassado de um amor em Cristo.

Num mundo de igualdade de oportunidades, uma vez abandonada a idéia medieval de cristandade, o cristão é um fermento que, em seu raio de ação e unido aos outros cristãos, deseja transformar a massa. Existe uma competição com outros fermentos — materialismo, positivismo etc.

(4) JACQUES MARITAIN — *La educación en este momento crucial*, Desclée, B. A., 1950, p. 212.

—, porém o cristão aceita o desafio. O mundo é um imenso país de missão, luz e sombra em cada centímetro quadrado, trigo e cizânia em cada rincão da terra. A Igreja, ante esta realidade, se preocupa em formar os homens da luz pela educação. Nunca as trevas podem produzir luz: é preciso que a luz nasça, e a Igreja conserva esse fogo que Cristo veio trazer à terra.

Nesta olimpíada mundial para a meta da transfiguração em Cristo, nós os cristãos passamos a tocha. Esforçamo-nos para que os que nos escutam sejam melhores, vivam mais autenticamente do que nós. Nisto consiste a educação: fazer viver melhor. E educar com este estilo é contribuir para o progresso social, ser realista e não teórico.

Fazê-los viver: eis aqui o porquê deste ministério católico da educação, ministério humano e sagrado.

CURSO DE CANTO LITÚRGICO EM VERNÁCULO

Estudo crítico e seleção do repertório em vernáculo para *Semana Santa, Ordinário da Missa, Cantos do Celebrante* etc.

Execução e interpretação. Curso de Liturgia. Ensaios. Celebrações litúrgicas. Recreios cantantes.

Em SÃO PAULO, no Colégio Assunção, de 17 a 30 de janeiro de 1966, em conjunto com a SEMANA GREGORIANA (1.º, 2.º e 3.º anos, com ensaios do canto litúrgico em vernáculo) e a SEMANA WARD (1.º e 2.º anos, de 3 a 25 de janeiro).

Professor de Canto Litúrgico em Vernáculo:

— PADRE NEREU DE CASTRO TEIXEIRA —

Informações e inscrições:

Escola Regional
Colégio das Cônegas de Sto. Agostinho
Rua Cato Prado, 232 (Fone: 34-1226)
SÃO PAULO — 4 — Capital

Colégio Assunção
Alameda Lorena, 665
(Fone: 80-9667)
SÃO PAULO — 5 — Capital

O Memorial da Paixão do Senhor na Tradição Teológica

Testemunho de Santo Tomás

FREI LUCIANO PARISSÉ, O.P.

DEVEMOS notar que a Igreja guardou a memória de Cristo e de sua obra de salvação durante séculos sem preocupar-se em elaborar síntese teológica, sem precisar da intervenção do Magistério. Os primeiros tratados sobre a Eucaristia aparecem somente no século IX, e a primeira declaração do Magistério contra os erros de BERENGÁRIO data do século XI. A Igreja dos primeiros séculos não conhece dificuldades particulares na sua fé eucarística. Vive dela, conserva o "depósito" e o transmite de geração em geração. A literatura patristica encara freqüentemente, entretanto, a Eucaristia, quer nos escritos apologéticos, quer nas homilias ou nos comentários da Escritura, quer nas cartas pastorais dos bispos... Mas trata-se de determinações de caráter pastoral, não de apresentação sistemática de uma teologia organizada.

Quais são as circunstâncias históricas nas quais nasceu a teologia da Eucaristia?

Durante o século VIII, a língua romana é plantada nos países francos e se une com as liturgias locais, mas se adapta ao espírito dos povos "bárbaros". O resultado consiste numa acentuação do aspecto dramático da missa, pela multiplicação dos ritos secundários e do número das orações, especialmente das "apologias", confissões, repetidas pelo sacerdote e pelo povo, da sua indignidade, das suas faltas..

1. *Primeiras modificações*

Fora desta modificação do espírito litúrgico, a própria atuação litúrgica mudou profundamente nos séculos VIII e IX. Vamos enumerar as mudanças mais importantes:

— Os ritos da iniciação (batismo, Eucaristia) deixam de dirigir-se a catecúmenos adultos, mas se dirigem a crianças. De onde numerosas transformações nos ritos, na vida cultural da comunidade cristã inteira.

— A nova liturgia romano-franca conserva a língua latina, e por conseguinte só o clero entende a língua da missa. Os mistérios agora são escondidos, não aos pagãos desaparecidos, mas ao próprio Povo de Deus.

— A liturgia não é mais a ação da comunidade eclesial que rende graças a Deus por Cristo. Conforme a etimologia de ISIDORO, a Eucaristia representa a *bona gratia* que Deus envia e desce do céu no coração da missa, durante a consagração.

— Acentua-se o papel do sacerdote celebrante — só êle tem poder de consagrar e por conseguinte de oferecer. Celebra em voz baixa a grande prece eucarística; o altar não está mais no centro da assembléa, mas no fundo da ábside; e o sacerdote celebra de costas... A participação dos fiéis se limita a "ver a hóstia"; nesta época aparece o rito solene da elevação para corresponder a êste desejo, mas o povo deixa de comungar, a não ser excepcionalmentê... A consagração se torna o cume da missa, seu núcleo essencial. Os outros momentos da celebração entram na sombra.

— Podemos acrescentar ainda o empobrecimento da liturgia da Palavra que resulta da constituição do missal, antes de tudo, concebido para a celebração privada. Empobrecimento também do número dos prefácios: antigamente, cada missa tinha seu prefácio próprio, até vários textos para escolher. Com a constituição do missal franco, o número dos prefácios se reduz a uma dezena. Poderíamos notar o mesmo empobrecimento na compilação dos primeiros breviários (como o nome o indica) para a recitação privada das horas... Sem multiplicar mais ainda os novos aspectos da vida litúrgica a partir do século IX, retenhamos que a teologia da Eucaristia nasceu neste contexto litúrgico que devemos qualificar de "decadente".

— * * * —

NOTA: A "dramatização", a "teatralização" da missa se manifesta pelas numerosas incensações, pela solenização da leitura do Evangelho (incenso, aclamação "glória a vós, Senhor"), pela multiplicação das orações, especialmente de orações privadas que o celebrante reza em voz baixa (ofertório, antes e depois da leitura do Evangelho, antes da comunhão...).

— A multiplicação dos mosteiros: o fato de que a grande maioria dos monges fôsem ordenados padres acarretou a celebração privada da missa; de onde a supressão total do canto, e por conseguinte dos textos cantados, e uma diminuição da liturgia da Palavra, para salvaguardar só o mínimo: uma leitura, um trecho do Evangelho. Perde-se neste período o costume antigo de reunir todos os fiéis numa única celebração eucarística no domingo, especialmente nas cidades episcopais. Cita-se um

documento curioso do século IX : um cartulário de um bispo de Orleães (França) lembra aos fiéis e aos sacerdotes a obrigação de participarem, nos domingos e dias santos, da sua missa. Porém permite aos sacerdotes a celebração de uma missa, mas secretamente, para não afastar os fiéis da celebração comum da catedral (cf. P. THION — *De la concélébration eucharistique*, N.R.T., 1964, p. 583; cf. PL. 105, 206).

— A aparição da concelebração "falada" : todos os celebrantes recitam tôdas as palavras, ao passo que, antigamente, dividiam-se as orações, e só o celebrante principal pronunciava as palavras da consagração, deixando, algumas vèzes, outro celebrante recitar a fórmula da consagração do cálice (cf. artigo citado acima).

— O papel do povo diminui : não participa mais das procissões do ofertório; os cantos se tornam uma "especialidade" da *schola*...

— Quanto ao pão consagrado, duas modificações importantes : a expressão *Corpo Místico* começa a designar as espécies consagradas, o que favorece o esquecimento prático que o Corpo Místico, a Igreja, é a *res* da Eucaristia, seu fruto último, como repetia Santo Agostinho; de outro lado, inicia-se o uso do pão não levedado, e as hóstias tomam o aspecto pré-condicionado que ainda hoje conhecemos não lembrando mais o pão nem a vida de cada dia.

— Enfim, fora da celebração eucarística, acrescentamos que, nesta mesma época, institui-se e generaliza-se a prática da penitência frequente e individual que substitui o rito comunitário e público dos séculos precedentes.

2. Presença de Cristo e caráter sacrificial da Eucaristia

Os tratados sôbre a Eucaristia, de fato, refletem esta situação e especialmente a importância exagerada que se confere à consagração e à presença "em verdade" do corpo e sangue do Senhor. Todos os tratados dos séculos IX, X e XI têm por título *De corpore et sanguine Domini* e se preocupam do modo desta presença, da relação com o Cristo do cálvário, o Cristo do céu. As primeiras controvérsias opõem os teólogos em tôrno da presença de Cristo no sacramento, do caráter sacrificial da Eucaristia. Vejam-se a oposição de RATRAMNE (+ 860) às determinações de PASCHASE RABDERT (+ 860) e a crise berengariana no século XI.

(1) Joseph-André JUNGMANN, S. J. — *Missarum sollempnia*, t. I, trad. francesa Paris, 1951, "un nouveau type: la messe romano-franque et ses dérivés", pp. 126-139. — Ed. espanhola: "El sacrificio de la Misa", BAC, Madrid, 1963, 4.^a ed., pp. 118-120.

3. *Interpretação simbólica*

Ao mesmo tempo, aparecem as *expositiones missae*, interpretação simbólica, alegórica dos ritos e das palavras da missa sem nenhuma relação com o conteúdo autêntico da ação litúrgica, como se apresenta nos textos litúrgicos e nas obras patrísticas. O caráter misterioso da celebração desapareceu e deixa lugar à interpretação teatral dos ritos, mau teatro, em que o ator único — o sacerdote — desempenha sucessivamente todos os papéis do "drama": o papel de Cristo e também de Pilatos, dos soldados romanos, de Judas... Estamos longe das catequeses mistagógicas!...

Compreende-se, então, que os fiéis procurem equilibrar este simbolismo vazio por uma valorização excessiva da presença verdadeira de Cristo nas espécies eucarísticas.

A teologia dos primeiros séculos da Idade Média se preocupa com estas duas dimensões do mistério eucarístico: um simbolismo alegórico, uma preocupação de formular os modos de presença de Cristo, presença operada pela atuação do sacerdote.

4. *Na crise protestante*

Paradoxalmente, a crise protestante, sete séculos mais tarde, torna ainda mais forte o hiato entre o dado litúrgico da vida da Igreja dos primeiros séculos e a teologia da liturgia. De fato, num contexto histórico bastante diferente, a teologia inspirada pelas determinações do Concílio de Trento salienta: que a missa é um autêntico e verdadeiro sacrifício; que só o sacerdote pode consagrar, sem o concurso dos fiéis; que Cristo está realmente e substancialmente presente no pão e no vinho... Afasta-se definitivamente por muitos séculos a idéia do sacrifício espiritual, do sacrifício de louvor, do sacerdócio real dos fiéis...

Visto que esta teologia domina ainda — ou pelo menos dominava até a Encíclica *Mediator Dei* e sobretudo até o atual Concílio — para muitos cristãos (fiéis e sacerdotes), não foi inútil apresentar as circunstâncias históricas que explicam o nascimento da oposição entre teologia do culto, especialmente do memorial do Senhor, e o dado dos textos litúrgicos compostos durante a época patrística.

Estas considerações nos preparam para ouvir o testemunho de Santo TOMÁS DE AQUINO, herdeiro da concepção agostiniana do sacramento (sinal e não recipiente que contém a graça) e livre do espírito de reação antiprottestante. Além disto, o valor da sua teologia eucarística é suficientemente conhecido para justificar a escolha do seu nome como testemunho da tradição teológica sobre o memorial do Senhor.

A missa como simples representação simbólica da Paixão

Devemos saber que todas as palavras do celebrante que dizem respeito às palavras dos judeus dirigidas a Cristo, aos sofrimentos

de Cristo... não são ditas como se realizando cada dia. Não dizemos, pois, que Cristo é crucificado e morto cada dia, porque o ato dos judeus e o sofrimento de Cristo passaram.

Mas as palavras que se referem a Cristo e se dirigem ao Pai são ditas como se realizando cada dia: oferecer, sacrificar... pelo fato que a hóstia é perpétua. Dêste modo, foi oferecido por Cristo uma vez o que cada dia pode também ser oferecido por seus membros.

Este texto do *Scriptum super sententiis* (Exp. Text. IV, 12, n.º 267) resume o pensamento de Santo Tomás sobre a missa como representação da paixão do Senhor. As palavras, os ritos, os gestos da celebração da missa representam simbolicamente a paixão, como diz o artigo primeiro da questão 83 da terceira parte: "A celebração da Eucaristia é uma imagem representativa da paixão". Nesta perspectiva, as circunstâncias concretas da paixão e da morte de Cristo não se realizam cada dia.

Num outro sentido podemos dizer que as palavras que oferecem e consagram o corpo e sangue de Cristo realizam o que significam: a paixão do Senhor.

1. Significação simbólica

Vamos expor brevemente a primeira significação da "representação" do sacrifício de Cristo, a significação simbólica. O texto maior, mais importante, é o da questão 83, já citada, no qual Santo Tomás apresenta o rito da celebração eucarística. Primeira opção determinante: na teologia tomista (autêntica), o rito e todas as suas determinações de tempo, lugar, uso de objetos consagrados... são considerados à luz da teologia, porque pertencem à vida da Igreja. É toda a teologia do sacramento elaborada nas questões precedentes que ilumina a celebração litúrgica. Fecha-se a porta às interpretações ritualistas, casuísticas, empíricas ou alegóricas.

Os argumentos *sed contra* se baseiam (quase todos) na prática da vida celestial. O corpo dos artigos são breves: limitam-se a formular a resposta à problemática levantada à luz das "chaves" da doutrina eucarística tomista: a Eucaristia é um sacramento, "uma imagem representativa da paixão"; sua celebração produz frutos de salvação. Estes dois princípios foram expostos no primeiro artigo.

As interpretações já tradicionais das *expositiones missae* são fortemente reduzidas e ocupam uma parte das soluções às dificuldades.

2. Dois exemplos

Apresentamos dois exemplos dessa representação simbólica na missa que não realizam o que é significado:

— Um é a mistura de vinho e água durante a preparação das oblatas. A tradição cristã vê neste gesto o simbolismo da "união do Povo cristão com Cristo", o sinal da participação dos fiéis no mistério de Cristo. Mas trata-se de um simples simbolismo. Acrescentemos que representa também a paixão, lembrando a água e o sangue que jorraram do lado de Cristo (3.º 74, 6 e 7).

— Segundo exemplo: como sinal do banquete escatológico, a missa não passa de um simples símbolo, que anuncia o que há de vir.

Sem multiplicar os exemplos, basta conservar presente na mente esta significação da representação da paixão no mistério eucarístico.

O mistério eucarístico comemora o sacrifício de Cristo, porque o corpo e o sangue do Senhor estão sacramentalmente presentes, e porque rememora a paixão, verdadeiro sacrifício

A posição de Santo Tomás é simples, simples demais talvez, para nós. Nunca demonstra que a Eucaristia é um sacrifício. Para êle, basta dizer: "Este sacramento é sacrifício, porque comemora a paixão que foi um verdadeiro Sacrifício". Nunca a afirmação de que a Eucaristia é sacrifício se baseia na consideração do rito sacramental, mas sempre se baseia no fato de que a paixão é um sacrifício, representado pelo rito (73, 4 & 3m; 79, 7, c. & 3m; 83, 1).

Sabemos que depois da afirmação pelo Concílio de Trento do caráter sacrificial da missa, os teólogos se dedicaram a demonstrar que a missa é um sacrifício, tentando evidenciar uma inolação real, uma destruição, uma transformação de Cristo no sacramento (Teorias de Belarmino, dos Salmanticenses, de De Lugo, de Lessius; cf. JOURNET — *La messe*, D. de B., 3ème. éd., pp. 345-347). Estas tentativas de expor como o sacrifício da missa averigua uma definição *a priori* do sacrifício fracassaram. Hoje, a quase totalidade dos teólogos, como Billot, Vonier, la Taille, Masure... redescobrem a sacramentalidade do sacrifício eucarístico.

1. *Sacrifícios e Sacrifício*

Uma página de Dom VONIER formula com vigor a perspectiva autenticamente tradicional sobre a representação do sacrifício da cruz:

Tem-se o costume na teologia moderna de discutir longamente sobre a natureza do sacrifício considerada abstratamente e de aplicar essas conclusões *a priori* acerca da essência do sacrifício ao Sacrifício cristão, natural ou sacramental.

Entretanto, deve-se notar que não se encontra nenhum estudo sobre a natureza do sacrifício entre os numerosos tratados teológicos do Santo Tomás. Não parece que êle tenha percebido a necessidade disso. O que é dito do sacrifício na segunda parte da *Suma* é só um capítulo de seu estudo teológico sobre a virtude da religião que, por sua vez, é simplesmente uma parte da virtude moral da justiça. Êle permanece extremamente sóbrio no zelo empregado para aprofundar a natureza do sacrifício. Não creio ser o único a pensar que a teologia do sacrifício cristão tem muito pouco a ganhar nas especulações sobre a natureza do sacrifício em geral. O sacrifício cristão existe por si mesmo, com seus ritos próprios, e o que podemos encontrar de melhor sobre a verdadeira natureza do sacrifício está na literatura inspirada de nossas Escrituras. Certamente, seria perigoso

formular uma teoria do sacrifício inteiramente independente dessa imensa vida sacrificial que se desenvolveu por milhares de anos, sob a autoridade e a direção de Deus, e aplicar as fórmulas assim obtidas aos sacrifícios que Deus instituiu. Seria uma tentativa de explicar o maior pelo menor, as coisas divinas pelas coisas humanas. Não há dúvida: nenhuma teoria do sacrifício poderia alguma vez convir adequadamente no caso do sacrifício de Cristo sobre a Cruz. É um sacrifício que deve ser definido por ele mesmo e nêle mesmo (A. Vonier, *La clé de la doctrine eucharistique*, Ed. le Cerf, pp. 152-153).

2. *Sacrifício e sacramento*

Para concluir, digamos que a teologia do memorial do Senhor segundo Santo Tomás se baseia na representação sacramental da paixão e morte. Todo o mistério eucarístico é sacramento, todo o mistério eucarístico é sacrifício. Não se trata de duas partes da Eucaristia. Esta representação se realiza pela presença do corpo e do sangue de Cristo e a representação do sacrifício. Nunca Santo Tomás confunde estas duas formulações que correspondem a dois aspectos da Eucaristia. Ao contrário de vários teólogos modernos, nunca fala da "presença do sacrifício da Cruz". Frequentemente, encontramos textos que afirmam esta distinção: "Neste sacramento, podemos distinguir... o próprio Cristo nêle contido e a sua paixão representada..." (79, 2; c.).

A posição de Santo Tomás permanece fiel ao dado tradicional, apresentado numa linha de teologia "científica", isto é, à luz de uma opção teológica determinada. Não se trata de uma exegese dos textos litúrgicos tradicionais; Santo Tomás não elabora uma teologia "bíblica" do memorial, mas quem entre os padres da Igreja o fez? Como Dom Vonier o recordou no seu célebre livro, a chave da doutrina eucarística de Santo Tomás é a opção "sacramental". A força da elaboração tomista reside na escolha da definição do sacramento como "sinal", "sinal de uma coisa sagrada enquanto santificadora dos homens" (60, 2).

O memorial do Senhor à luz de Cristo, causa da salvação

Uma compreensão mais profunda do memorial exige colocar o ensinamento do tratado sobre a Eucaristia no quadro geral da soteriologia tomista. Insiste Santo Tomás em apresentar "o Filho de Deus encarnado como Salvador comum de todos... visto que é a causa universal da salvação do homem" (3.^a 4, 4, 1). Desde a encarnação o Filho goza da plenitude da graça, plenitude que êle comunica "pela própria ação pessoal" (8, 5, 1). Mas por um misterioso designio de Deus, "Cristo foi constituído autor da salvação dos fiéis pela paixão, ao mesmo tempo segundo sua natureza divina e enquanto homem, por motivo do mérito da sua paixão e da sua vitória na ressurreição" (*Lect. super Hebraeos*, n.º 130). É o próprio mistério de Cristo, constituído causa da salvação dos homens, que permite e proporciona nossa participação nos mistérios salvadores, especialmente no memorial da paixão.

A humanidade hoje gloriosa de Cristo dá sua eficácia da graça tanto à paixão quanto à ação sacramental. Como reza o prólogo dos tratados sobre os sacramentos :

depois de têrmos tratado do que respeita ao mistério do Verbo encarnado, devemos estudar os sacramentos da Igreja, que dêsse Verbo encarnado tiram sua eficácia (3.^a, prol. 60).

Quando comenta o capítulo sexto do Evangelho de São João, Santo Tomás escreve :

Porque a carne de Cristo é unida ao Verbo de Deus, torna-se fonte da vida. Assim, o corpo recebido sacramentalmente é fonte de vida. Logo, pelos mistérios que realizou na sua carne, Cristo dá a vida ao mundo. A carne de Cristo, por conseguinte, por causa da Palavra do Senhor, é pão, não para a vida ordinária, mas para esta vida que a morte não pode tirar (cap. VI, lect. 4, n.º 914).

Para acrescentar somente uma citação a mais :

A carne de Cristo, manifestamente unida ao Verbo e ao Espírito, "vale" muito e de muitas maneiras... Cheguem o Espírito e a Divindade, a carne "vale" muito, porque o Espírito faz morar em Cristo os que a recebem. O Espírito é, de fato, o Espírito de Caridade pelo qual o homem mora em Deus (cap. VI, lect. 8, n.º 993).

Estas citações bastam para mostrar a eficácia dos *mysteria Christi in carne*, dos *sacramenta humanitatis*, dos *sacramenta ecclesiae*, eficácia que procede do Verbo, do Espírito vivificante, da "carne de Cristo unida ao Verbo de Deus"... Esta conclusão não diminui a afirmação da tradição que ocupa um lugar central na teologia da terceira parte : os sacramentos da Nova Lei recebem a sua "virtude" da paixão (cf. 3.^a 62, 5).

Para nosso autor, o batismo ou a Eucaristia não são a própria paixão presente, mas sua representação figurativa. A eficácia destes sacramentos provém de Cristo sob modos diferentes para cada um dos sacramentos. Exerce-se pela participação dos fiéis na paixão, participação real, espiritual e sacramental.

Conclusão

Para precisar as relações entre o mistério da salvação e a liturgia, acabamos de ouvir o testemunho de Santo Tomás sobre a Eucaristia e também os sacramentos em geral, como memória da paixão e presença ativa de Cristo. Escolhemos Santo Tomás em razão da sua atitude privilegiada na tradição teológica. A profundidade da sua sacramentologia lhe permite ultrapassar o hiato entre dado litúrgico e teologia da liturgia, hiato que se verifica desde o nascimento da teologia eucarística. Daí a importância das posições de Santo Tomás na renovação presente da teologia dos sacramentos e a elaboração de uma teologia litúrgica. Lembrem-se dos livros do Padre de la TAILLE, de Dom VONIER e do Padre A.-M. ROGUET...

Porém não recebemos de Santo Tomás uma verdade completa, uma síntese acabada. A profundidade da sua visão é o fruto da sua opção teológica: a sacramentalidade total da Eucaristia. Devemos formular hoje uma teologia do memorial da salvação que abranja todos os dados da história da liturgia, dos padres da Igreja e também que responda às perguntas e às necessidades dos homens de nossa época, para os quais o tempo tem um valor e uma significação diferentes dos que tinha para teólogos do passado.

PEDIDOS DE NOVAS FUNDAÇÕES

Cambé, PR — Comarca com mais de 36 mil pessoas, a dez quilômetros de Londrina, conta a cidade de Cambé 9 mil habitantes. A paróquia — que construiu o prédio da SANTA CASA, com 40 leitos, o mobiliou e está disposta a colaborar para a sua manutenção — faz aqui um apêlo veemente a uma congregação religiosa feminina que possa aceitar a propriedade do mesmo estabelecimento hospitalar. Para tanto, requer de início umas três irmãs, das quais duas enfermeiras diplomadas, se possível uma com diploma de parteira.

A Santa Casa já foi registrada e tem verbas federais designadas para si, além de estar em vias de firmar convênio com a Secretaria de Saúde do Estado do Paraná.

Para maiores informações, dirigir-se a :

Pe. Symphoriano, S.A.C.

DD. Vigário

Caixa Postal 137

CAMBÉ — Paraná



Peçanha, MG — Localizado na parte central, isolado do centro urbano, em um amplo prédio de dois andares, devidamente equipado e depois de recentes obras de restauro, ergue-se o COLÉGIO MUNICIPAL DE PEÇANHA, antigo Ginásio, a que está ligada a memória de homens ilustres que nele se formaram. No ano findo conta 130 alunos. No futuro, porém, há a possibilidade de aumentar este número, dada a capacidade de que dispõe.

A Prefeitura quer entregar, por dez, vinte ou mais anos, a direção deste Colégio a uma congregação de religiosos, sem nele interferir, sem nenhuma compensação financeira, antes, pelo contrário, prometendo ajudar com verbas do Poder Público.

A quem puder atender, roga-se a fineza de comunicar-se com :

Simão Carlos Pereira

DD. Prefeito

PEÇANHA — Minas Gerais

Casa de Formação e Sede de Governo

PREI FRANCISCO XAVIER BOCKEY, O.F.M.

Pergunta: *Que acha V. Revm. da coexistência de casas de formação com casas de governo?*

Resposta: Últimamente têm nos chegado várias consultas sobre esse assunto. Considerando as dificuldades apresentadas pelas missivistas, conclui-se que as mestras nas casas de formação se sentem, freqüentemente, bastante embaraçadas diante da existência de diversas autoridades na mesma casa.

Embora possamos ferir susceptibilidades, diremos nossa opinião sem rodeios: — Não somos, de forma alguma, favorável à idéia de unir às casas de governo geral ou provincial casas de formação, quaisquer que sejam. Rascamos nosso parecer em várias razões, entre as quais se destacam:

1.º — O movimento natural das pessoas, ocupadas nas atividades governamentais, e as constantes visitas às mães provocam sempre um certo clima de agitação que não deixará de se refletir sobre o noviciado, juniorato, etc.

2.º — O excessivo número de autoridades cria confusão. Ninguém sabe o que deve fazer, porque não sabe quem tem o direito de mandar num caso específico. Se na mesma casa mora a Madre Geral com seu Conselho e auxiliares, a Madre Provincial com parte do seu Conselho e auxiliares, a Superiora local com seu Conselho, a Mestra de noviças e sua auxiliar, a Mestra de aspirantes, a Diretora da escola... como será possível evitar toda a confusão?

3.º — A multiplicidade de superiores leva a uma certa insegurança quanto à competência e à distribuição das responsabilidades.

4.º — Esta coexistência conduz facilmente a intromissões indevidas: da Provincial no cargo da Superiora local, da Geral nas atribuições da Provincial e da local, da Superiora local nas coisas da alçada das mesmas, etc.

5.º — O recurso das irmãs a autoridades superiores — nem sempre justificado ou admissível — fica mais favorecido, no regime de coexistência. Seja o caso de que, não conseguindo com a Superiora local o seu intento, logo procuram a Provincial.

6.º — A liberdade das superiores maiores que, em vista de suas obrigações, nem sempre podem seguir o ritmo de uma casa de formação, é de algum modo sacrificada. Mesmo sem lembrar tôdas as particularidades, admitir-se-á que as casas de govêrno não constituem o lugar ideal para criar um ambiente de calma e reflexão, indispensável numa casa de formação.

O artigo 88 das *Normas* de 1921 (*AAS*, 13, 1921, 321) insiste na prescrição, evidente em si, que o noviciado deve ser localizado num local muito conveniente à formação das noviças. Aplique-se o mesmo, de algum modo, aos junioratôs. A supervisão pela superiora maior é, sem dúvida, mais fácil quando reside na casa, mas o escopo intencionado será da mesma forma alcançado ou melhor ainda, através de visitas freqüentes a estas casas. Se a coexistência fôsse preferível, o Código e a Sagrada Congregação, ao aprovar novas constituições, di-lo-ia. Todavia, nada disto aconteceu. A solução fica entregue às próprias superiores maiores. Estas, por sua vez, refletem bem, tendo em vista, sobretudo, a melhor formação das súditas e a liberdade das mestras.

**PADRES SECULARES, RELIGIOSOS E LEIGOS NORTE-AMERICANOS
NA AMÉRICA LATINA (Janeiro de 1965)**

Especificação	América Central	América do Sul	Caribe	Total
Voluntários leigos				
Religiosas	13	5	5	23
Irmãos	149	28	2	179
Religiosos	702	326	352	1 379
Padres seculares	160	47	61	268
Bispos	912	327	644	1 883
	253	87	12	359
TOTAL GERAL	2 189	819	1 076	4 091

Dados tirados da revista *LATIN AMERICA PERSONNEL BULLETIN*, n.º 1, julho de 1965.

I ENCONTRO DE EX-ALUNOS DO SEMINÁRIO DE IPUARANA

Incluído no programa da Semana Jubilar comemorativa dos 25 anos de fundação do Seminário Franciscano de Ipuarana (Paraíba), realizou-se o I Encontro de Ex-alunos dêste Seminário, de 8 a 11 de julho de 1965. O número de participantes, entre padres e leigos, vindos de vários Estados, ascendeu a uma centena aproximadamente.

Nos 25 anos de sua existência, matricularam-se nesse Seminário 1 248 alunos. Dêstes, 47 ordenaram-se sacerdotes, 15 são clérigos estudantes de Filosofia e Teologia, 13 estão fazendo o Noviciado. Frequentam atualmente o mesmo Seminário 156 estudantes. Como em muitos outros estabelecimentos de formação sacerdotal, preocupa o baixo rendimento vocacional. Até 1952 haviam sido matriculados 404 alunos; dêstes, apenas 47 se ordenaram, ou seja 11,6%. Onde estarão os outros 88,4%? Terá sido vão o trabalho com êstes?

A realização dêste Encontro constitui uma resposta positiva e consoladora: o trabalho não foi perdido. Eles continuam fiéis. Eles honram o Seminário e a formação que nêle receberam. Eles hoje são homens realizados em todos os setores da sociedade, como: professores, advogados, juristas, economistas, políticos, administradores, comerciantes, bancários, arquitetos, médicos... E são homens que se destacam no seu ambiente pela sua formação moral, pela competência profissional, pelo senso de responsabilidade. E também pelo seu testemunho cristão. Guardaram a amizade ao Seminário, que para eles tem o valor de um símbolo. A amizade aos educadores. E com a amizade, ó interesse. Prova, além de outras, seja a realização do recente Encontro.

Não foi só o clima de euforia e satisfação que timbrou no reencontro dos velhos amigos, nem só a alegria de matar saudades do seu Seminário, palco dos dramas de adolescência de tantos jovens que hoje são homens feitos: sacerdotes ou leigos. Foi, antes de tudo, ver o sentimento de gratidão transbordante, a vontade incontida de ser útil, o interesse profundo pelo Seminário e pela causa das vocações sacerdotais, e franciscanas em particular, que se manifestou abertamente em todos quantos compareceram a êste singular Encontro.

A atualidade dos temas, a franqueza nos debates, a adequação das conclusões, o desejo sempre evidente de colaborar com o Seminário, tudo concorreu para criar um ambiente de amena confraternização, de intensa alegria. Nem admira que, no auge das comemorações jubilares do Seminário de Ipuarana, que se realizavam simultaneamente e de que o Encontro foi um dos pontos altos, e na hora da despedida mais de um ficasse comovido até às lágrimas.

As palestras, tôdas proferidas por ex-seminaristas, foram três: 1) *Problemas específicos do ex-seminarista ao deixar o seminário* — pelo Prof. José Maria Barbosa, de João Pessoa; 2) *Visão crítica da formação em Ipuarana* — pelo Dr. Dário Mendes, de Recife; 3) *Associações de ex-alunos de Ipuarana* — pelo Prof. Plínio Sá Leitão, de Fortaleza.

Uma idéia de grande alcance, focalizada no Encontro, foi também a das associações de ex-seminaristas. Associações com objetivos tanto de assistência e apoio mútuo, como de auxílio e cooperação material e moral às vocações, através do Seminário. Assistência e apoio fomentando a amizade e o intercâmbio dos ex-seminaristas entre si e com o Seminário; assistência e apoio nos problemas de adaptação ao novo ambiente, na luta pela vida, nos problemas de estudos, estabilização econômico-financeira, prática religiosa, engajamento pastoral. Assistência principalmente aos recém-saídos do Seminário, que são os que encontram as maiores dificuldades. Auxílio material, sob a forma de hólzas de estudos e outras contribuições financeiras. Auxílio moral, pela influência no ambiente, para uma melhor conceituação do sacerdote e do seminarista na sociedade, nas famílias, na opinião pública.

O movimento de ex-seminaristas nascido em Ipuarana conta já duas sociedades formadas: 1) a União dos Amigos de Ipuarana (UAI), em Fortaleza, já com mais de dez anos de existência, com estatutos próprios e registrada como sociedade beneficente com personalidade jurídica; 2) a União dos Ex-Alunos de Ipuarana sediados em São Paulo (UEAISP), fundada recentemente.

*
* *

Encontros como o de Ipuarana, atendendo aos objetivos acima descritos, bem poderão vir a representar um movimento de ex-seminaristas em extensão nacional, mobilizando um grande número de forças vivas na Igreja, ao mesmo tempo que projetando o próprio Seminário, proporcionando-lhe um campo de realização pastoral de dimensões incalculáveis. Com isso um grande passo seria dado à frente no sentido de uma maior conscientização vocacional da opinião pública e de um melhor aproveitamento de forças vivas na Igreja.

88% dos Apóstolos na América Latina são religiosos

Segundo as últimas estatísticas de 1960, e publicadas só em 1964, o pessoal apostólico da América Latina ascende a 173 286 pessoas. Delas, 20 000 são sacerdotes diocesanos, 21 00 sacerdotes religiosos, 20 000 religiosos não sacerdotes e 113 000 religiosas. Isto significa que metade do clero são sacerdotes religiosos e que 88% do pessoal apostólico é formado por religiosos.

CRB Informa

CRB-Nacional — De 28 de outubro a 5 de novembro do corrente ano, reuniram-se os conselhos provinciais e as superiores locais das duas províncias das Pequenas Irmãs da Divina Providência, no Orfanato Nossa Senhora de Nazaré, Estado da Guanabara. Tema central: vida religiosa, deveres próprios do estado e apostolado segundo a visão do Concílio.

Falaram Frei Maurício Bruni, O.Carm., Diretor do novo Departamento de Formação da CRB, Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M., e Padre Tiago G. Cloin, C.S.S.R.

● De passagem pelo Rio de Janeiro, esteve de visita à sede nacional da CRB, em fins do mês de outubro último, o Presidente da Conferência dos Religiosos da Alemanha e do Movimento "Pro Mundi Vita", Revmo. Padre Provincial Dr. Frei Dietrich Westemeyer, O.F.M. Sua Reverendíssima mostrou-se vivamente impressionado com a organização e eficiência de que dá exemplo a Conferência dos Religiosos do Brasil.

● A CRB registra com orgulho a elevação do primeiro brasileiro para o cargo de Vigário-Geral da Ordem dos Frades Menores na pessoa do Revmo. Frei Constantino Koser, até o próximo Capítulo Geral a ser realizado em 1967. Sucede ao Revmo. Frei Agostinho Sépinski, elevado recentemente à dignidade arquiépiscopal e de Delegado Apostólico de Jerusalém.

● Na 2.ª Assembléia Nacional de Contabilistas, realizada em 12 de novembro último, na cidade do Rio de Janeiro, foi eleito, para o triênio 1966-1968, membro do Conselho Federal de Contabilidade, na qualidade de Contador, o Revmo. Frei Matias Heidemann, O.F.M., DD. Economista-Geral da CRB. Entre os 15 delegados eleitores dos conselhos regionais, obteve S. Revma. 13 votos, sendo esta a segunda vez que o seu nome figura como componente do Órgão supremo da classe dos contabilistas do Brasil.

CRB-PR — Os vários departamentos da Conferência do Estado do Paraná continuam desenvolvendo regularmente suas atividades. Assim, o de Serviço e Assistência Social, além de atender ao expediente local e planejar sua ação aos municípios vizinhos, realizou, em Curitiba, de 20 a 25 de setembro passado, um *Curso de Recreação e Psicologia e Bem-Estar da Criança e do Adolescente*, no qual participaram 45 religiosas.

O Departamento de Assistência à Saúde tem também reunido superiores e responsáveis pelo serviço de enfermagem com vistas à dinamiza-

ção do mesmo Departamento, entre cujas atividades já foi programado o reinício *das tardes de formação para religiosas de hospitais*.

No domingo, 26 de setembro, reuniram-se no Colégio Sion as diretorias dos vários departamentos da CRB paranaense para, em círculos de estudo, discutirem e planejarem atividades capazes de criar ambiente propício à aceitação e aplicação do *Plano de Pastoral de Conjunto* da CNBB. Esse Plano, que espera a aprovação dos senhores bispos, reunidos em Roma, na quarta e última sessão do Concílio, deverá ser aplicado em todo o Brasil, a partir de janeiro do próximo ano.

RETIROS PARA RELIGIOSAS

PREGADOR	: S. Em. ^a Revm. ^a Dom Jaime de Barros Câmara, DD. Cardinal-Arcebispo do Rio de Janeiro
LOCAL	: Casa Nossa Senhora do Cenáculo — Rua Pereira da Silva, 135, Laranjeiras, Rio de Janeiro (Telefones : 25-6527 e 25-8133)
DATAS	: De 1 a 7 de Janeiro de 1966 (<i>primeiro retiro</i>) De 3 a 9 de fevereiro de 1966 (<i>segundo retiro</i>)
INSCRIÇÕES	: Na Casa Nossa Senhora do Cenáculo (também por telefone)
CONTRIBUIÇÃO :	Cr\$ 25 000 (total)

ANUÁRIO CATÓLICO DO BRASIL — EDIÇÃO 1965

Conforme já foi anunciado, está em preparação o novo ANUÁRIO CATÓLICO DO BRASIL, a cargo da Seção de Estatística do CERIS, o qual condensará em suas 1 200 páginas dados estatísticos da Igreja no Brasil.

Aos interessados, informa-se entretanto que o lançamento está previsto para o segundo trimestre do próximo ano. A subscrição (isto é, encomenda com pagamento antecipado) pode ser feita diretamente à CRB e às suas Regionais.

SUBSCRIÇÃO :

Preço de capa	Cr\$ 20 000
<i>Para religiosos e livrescos :</i>	
Até 31/12/1965 (preço líquido)	Cr\$ 13 000
A partir de 01/01/1966 até o lançamento ..	Cr\$ 15 000
Após o lançamento, o preço fica sujeito a correção monetária	

Pelas Revistas

CONCILIUM (7 — História da Igreja — set. de 1965) — Um rápido olhar no índice deste número nos faz ver que estamos diante da História do passado em função do presente e do futuro: da História como Mestra da Vida. A Igreja sempre procurou, através dos séculos, adaptar-se às civilizações. O editorial nos explica que é importante "tomar consciência, em casos concretos, das razões por que e como algumas destas tentativas (de adaptação) resultaram e outras abortaram, ou até, como é o caso da Reforma do século XVI, terminaram em catástrofe".

— Brian Tierney escreve sobre "a colegialidade na Idade Média".

— Hilaire Marot, em "descentralização estrutural e primado na antiga Igreja", mostra que a variedade das estruturas da antiga Igreja "não pode estar em contradição com o primado romano, e que o seu desaparecimento no segundo milênio apenas foi devido a uma aplicação puramente contingente desse primado, ocultando-lhe por vezes o seu verdadeiro significado... A evolução centralizadora ficará... ligada às perspectivas de uma "escola romana" inspirada pelos papas medievais, e não conseqüência da doutrina do primado, que fora e se revelara, durante séculos, inteiramente conciliável com a existência de três zonas de estrutura muito diversa na Igreja universal" (pp. 12 e 23).

August Franzen escreve sobre "o concílio de Constança — problemas, trabalhos e estado atual da investigação histórica relativa aos concílios". "Suspeitou-se que o próprio concílio de Constança tivesse tido uma orientação totalmente conciliarista. Mas foi muito injustamente, como atualmente temos possibilidade de verificar" (p. 57).

— Giuseppe Alberigo abre "novas perspectivas sobre o concílio de Trento...".

— Roger Aubert coloca dois documentos pontifícios no seu contexto histórico para se compreender o seu verdadeiro alcance e nomeadamente o seu permanente significado doutrinal: "A liberdade religiosa desde a Mirari vos até ao Syllabus".

— Jacques Fontaine escreve sobre "os cristãos e o serviço militar na antiguidade".

— A. Weiler sobre "a autoridade e o governo da Igreja na Idade Média. Exame bibliográfico".

— H. Tuche responde negativamente à pergunta-título de seu artigo: "O Barroco como raiz do triunfalismo da Igreja?"

— R. Rémond nos dá o estado presente da questão e dos trabalhos em língua francesa sobre "a descristianização".

— P. Polman escreve sobre os "antecedentes históricos do Velho Catolicismo".

Segue, por fim, uma "crônica da Igreja viva", que nos fala sobre "colóquio entre estudiosos cristãos e marxistas" e de "um encontro ecumênico internacional sobre Liturgia".

SEMINARIOS (set.-dez. de 1965) — Vicente Ample Rios escreve: "Em torno da renovação litúrgica".

— Vicente M. Pedrosa: "Oatequese para o homem de hoje".

— José Sanchez Herrero: "O domingo na vida do seminário".

— Juan Sanchez Sanchez: "Autoridade do bispo e do reitor no seminário".

- Lorenzo Galmes: "Cinema na formação sacerdotal".
- Leon Díez — Nicolas Castellanos: "Ficha psicopedagógica para o seminário menor".
- James Keller: "Renovação apostólica do seminário".

SEMINARIUM (out.-dez. de 1965) — Jean Guillon: "A minha iniciação no ecumenismo".

- Etienne Gilson: "Três lições sobre o Tomismo: Um teólogo que não tem direito de intervir — Atualidade de Santo Tomás de Aquino — No país das sombras — O caso de Teilhard de Chardin".
- P. Chiochetta: "Indicações sobre o estudo, ensino e valor da história no magistério de Pio XII".
- M. Pellegrino: "O Sacerdócio na experiência e no pensamento de S. Agostinho".
- E. Valentini: "Pressupostos religiosos e sociais de uma sã educação sexual".
- J. Forrestall: "Onde estão os sacerdotes? Análise da situação do clero no mundo de hoje".
- Os novos Estatutos do Seminário Episcopal Maior S. Willibaldo, de Eichstat, Alemanha.
- Informações.

CONFER (abril-junho de 1965) — Destacamos deste número:

- E. F. Regatillo, S. J.: "Faculdades apostólicas aos Moderadores Supremos das religiões clericais de Direito Pontifício e aos Abades Presidentes de congregações monásticas. Anotações".
- J. M. Martínez, O. P.: "Natureza da Perfeição cristã" (continuação).

TEOLOGIA Y VIDA (abril-junho de 1965) — Merece especial destaque;

- J. Medina: "Algumas observações sobre a restauração do diaconato".

NUEVO MUNDO (julho-agosto de 1965).

- Discutir sem condenar.
- Documentação pastoral.
- J. Rincón Bonilla: "Cáritas na Venezuela".
- P. Segundo Galilea: "Problemática da Pastoral urbana".
- P. A. Alonso: "Pastoral e economia paroquial".
- Ir. Clara: "A religiosa de hoje na América Latina" (N. B.: a tradução deste artigo será oportunamente publicada na Revista da CRB).

REVUE DES COMMUNAUTÉS RELIGIEUSES (julho-agosto de 1965).

- Renovação litúrgica.
- Reflexões sobre a vocação do "Irmão ativo".
- J. Galot: "Princípios de renovação na vida religiosa".

LUMEN (agosto de 1965) — Destacamos:

- J. Quelhas Bigotte: "O Concílio ecumênico e a renovação pastoral".
- J. M. Fidalgo: "A regulação da natalidade e a Igreja Católica, hoje".
- A. Veloso: "Teilhardismo científico falhado".

ANUÁRIO INACIANO (1966) — Destacamos:

- Antônio Acuan: "Que é Movimento Familiar Cristão?"
- "No Nordeste, Freiras são vigárias" (o artigo trata das experiências pastorais das Irmãs de Jesus Crucificado em Nísia Floresta).
- Pe. Reinaldo Wenzel: "Vocação religiosa não é vocação superada?"

Recensões Bibliográficas

MARIA LUIZA LZ. DE URALDE, DE JESUS, C. A. CH. — *Da Beleza Até Deus — Teresinha*, trad. condensada da terceira edição espanhola pelo Pe. António M. Martins, S. J. Depositária: MAGNIFICAT, Braga (Portugal), 1960, 280 pp.

"Era uma menina loira como um ralo de sol" — assim começa a interessante biografia de Maria Teresa Gonzalez — Quevedo Y Cardaro, nascida no dia 14 de abril de 1930. Criança caprichosa, tornou-se, já no Colégio das Irmãs Carmelitas da Caridade, exemplo e modelo da Congregação Mariana. Bela de corpo e alma, sentia o encanto deste mundo. A autora descreve a vida da pequena espanhola, graciosamente chamada de o *venenozinho* pelo tio Manolo, ressaltando sobretudo o seu gênio e a inicial aversão aos estudos. "Que pena que o colégio tenha livros" — costumava dizer a cada passo; "se não fossem eles, seria uma vida maravilhosa". A resolução *Decidi ser santa* ressentiu-se ainda por algum tempo dos seus defeitos naturais. Amadureceu, no entanto, paulatinamente, pelo seu contato com as congregadas marianas, entre as quais começou a distinguir-se como catequista.

Pouco a pouco firmou-se nela o propósito de abraçar o estado religioso. Ao sair do postulante, no qual entrara em 1948, sua mestra disse: "Nunca vi nela senão motivos de edificação". O noviciado, que se seguiu, não lhe causava espanto, pois: "Eu também sabia que não entrava para tocar piano". Dols esteios sobretudo a mantinham nas horas de provação e no caminho para a santidade: a devoção à Virgem Santíssima e a prática da caridade. Quando em 1949, para o mundo católico, ia começar o Ano Santo, para Maria Teresa estava prestes a raiar a eternidade. Adoecendo logo no início de 1950 de meningite tuberculosa, te-

ve a ventura de fazer sua profissão ainda noviça. A morte a velo colheu aos 18 de abril do mesmo ano. Pelo epílogo do tradutor ficamos sabendo que no dia 7 de dezembro de 1954, celebrou-se em Madri a sessão de abertura do processo de beatificação.

As moças e religiosas recomendamos este livro. Se Maria Teresa mostrava na sua vida uma grande afetividade e meiguice, teve também uma vontade firme de renunciar à riqueza e de procurar o único, bem digno de toda o amor.

FREI FR. XAVIER, O. P. M.

OLIVEIRA, J.O. — *Contigo Senhor*. Distribuidora: MAGNIFICAT, Braga (Portugal), 1964, 2.ª edição, 246 pp.

É empresa bastante difícil compilar um devocionário que, sob todos os aspectos, agrade, incentive e alimente a piedade dos jovens. Eis aqui uma tentativa que merece a atenção de todos que, profissional ou ocasionalmente, orientam a mocidade de hoje.

Conforme o autor, o livrinho não pretende nem substituir o missal nem comentá-lo nem impor um esquema de orações a serem recitadas diariamente. Deseja apenas proporcionar um conjunto de orações que falem à alma juvenil, um resumo de conselhos práticos que orientem na vida, um modo ativo de tomar parte na santa missa. Começa com o sinal da cruz e termina com a missa comunitária. As orações, freqüentemente precedidas por oportunas explicações ou palavras introdutórias, são subordinadas aos seguintes títulos livremente concebidos: 1.º Na amizade de Deus; 2.º Sob o olhar da Virgem Mãe; 3.º Na escola do Mestre; 4.º Prepara o teu futuro; 5.º Valoriza a tua vida; 6.º No limiar da eter-

ndade; 7.º Faz da Missa centro da tua vida interior.

Ilustrado com 17 fotos, em grande parte tiradas da vida cotidiana da juventude, e encadernado com capa flexível, não tem aspecto de livro de orações. É livro de bolso.

FREI FR. XAVIER, O.F.M.

N. B. — CONTIGO SENHOR e a outra obra — DA BELEZA ÀTE DEUS — podem ser pedidos à Casa de Retiros, Agência Beberibe, RECIFE, PE.

CONCÍLIO VATICANO II, Vol. IV, terceira sessão (set.-nov. 1964), compilado pelo Pe. Frei Boaventura Kloppenburg, O. F. M., Petrópolis, RJ, s. d., 1 vol. enc. 220x155 mm, 640 pp.

No dia 21 de novembro de 1964 foi solenemente encerrada a terceira sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II. Trazendo o presente livro o *Imprimatur* de 5 de maio de 1965, não podemos deixar de tributar os maiores elogios à incansável operosidade do conhecidíssimo compilador que enfiou em 640 páginas um material ingente e muito variado. Basta ter presente que durante esta III Sessão houve 48 congregações gerais com 666 discursos. Houve ainda 54 relações introdutórias, explicativas ou conclusivas e 149 sufrágios individuais que inutilizaram ... 327 000 fichas. O autor dá-nos: 1.º, a crônica das congregações gerais (pp. 9-389); 2.º, a crônica das emendas e votações (pp. 393-452); 3.º, os documentos aprovados (pp. 453-628); terminando com os índices das páginas 629 a 639.

Embora o grande número de opiniões relatadas com fidelidade sejam uma demonstração eloquente do zelo e do cuidado dos padres conciliares em não aprovar o que, no seu entender, não fosse admissível, e conquanto as intervenções possam ajudar bastante os estudiosos das diversas matérias, parecem-nos merecedoras de particular reconhecimento os resumos

do próprio Frei Boaventura. Sem nenhuma idéia preconcebida e sem manifestar preferências pessoais, refere em apanhados magistras as críticas feitas a respeito dos esquemas, as razões dos critérios aceitos e as modificações de maior alcance.

A quem parecer fastidioso e cansativo ler tôdas as discussões impressas em letra de corpo menor, recomendamos o estudo dos resumos da segunda parte: "Crônica das emendas e votações". Só em futuro próximo há de se reconhecer devidamente o trabalho de Frei Boaventura, com que o Brasil marcha à frente das crônicas conciliares. A Editora Vozes, pioneira das editôras católicas, brindou-nos com sua apresentação impecável desta obra, a quarta da série.

FREI FR. XAVIER, O. F. M.

FREI BERNARDO CATÃO, O.P. — *Maria na Igreja*, Livraria Dom Bosco Editora, Rio de Janeiro, s. d., 1 vol. br., 190x125 mm, 72 pp., Cr\$ 1 200.

Este estudo sobre a Mariologia do Concílio Vaticano II me parece de uma oportunidade excepcional, por causa de sua brevidade, equilíbrio teológico e linguagem acessível a todos.

O autor coloca na primeira parte a questão mariana no seu recente contexto histórico; na segunda nos dá uma análise literária do capítulo que a Constituição conciliar *Lumen Gentium* dedica à Virgem Maria; e na terceira e última parte elabora êle uma vigorosa síntese da Mariologia do Vaticano II. Em apêndice vem ainda inserido o texto em português do capítulo oitavo da *Lumen Gentium* e um trecho da alocução que Paulo VI pronunciou quando do encerramento da terceira sessão do Concílio.

Não obstante suas modestas proporções, será esta obra de imenso valor para os religiosos e religiosas do Brasil, de modo particular para as congregações que têm por finalidade propagar a devoção a Nossa

Senhora. Os responsáveis pela formação espiritual, quer de irmãs, de irmãos ou mesmo de padres, encontrarão aqui um precioso instrumento para renovarem e atualizarem sua Mariologia, na perspectiva do Vaticano II.

PE. TIAGO G. CLOIR, C.S.B.R.

PADRE M. RAYMOND, O.C.S.O.

— *Deus, a Mulher e o Caminho*, ilustrado por John Andrews e traduzido do original inglês por Frei Pedro Amen, O.F.M., Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1964, 1 vol. br., 220x150 mm, 176 pp.

Muito se tem escrito sobre Nossa Senhora, e por certo sempre algo ficará por dizer. Vez por outra surgem porém publicações de tal estilo e textura que dir-se-ia tratar-se de coisa verdadeiramente inédita. É o caso de DEUS, A MULHER E O CAMINHO. Um monge trapista, autor de alguns bestsellers, como o "Homem que se vingou do Deus", descreve nesse livro, em pinceladas vigorosas e autênticas, as sete dores de Maria, Mãe de Cristo e *nossa Mãe*, *nossa Mediana* e *nossa Esperança*. Como quem sente em sua própria carne o drama de Cristo que continua sofrendo em seu Corpo Místico, ele nos faz sacudir do torpor, da angústia, do desespero com que o mundo alguma vez nos possa tocar. Uma a uma, a contemplação dessas dores nos faz aperceber mais da perenidade do grande mistério da Redenção de Cristo e da Corredenção de Maria: *Sim, seu corpo está sangrando aqui na América — e Sua mãe chora... Podes ajudar a estancar aquele fluxo de sangue e a enxugar aquelas lágrimas, fazendo de tua vida uma Missa, e de Sua Missa tua própria vida* (p. 12). Com o

próprio autor diremos ainda: *Que mundo de pensamentos abre a mais breve contemplação a respeito de Maria!... Nossa esperança se encontra nas mãos daquela mulher que carregou Cristo em Belém; nas mãos que O levaram para o Egito; nas mãos que O ajudaram a crescer em Nazaré; nas mãos que O receberam da cruz e colocaram a mortalha em Seu corpo para o sepultamento* (p. 163). A acompanhar cada um dos temas abordados, vem um quadro deveras expressivo em que cada traço reflete um pouco toda a grandeza e amor das mãos daquela Mulher que nos deu Jesus.

É livro escrito em moldes diferentes do que é usual. Nêle se completa o testemunho das Escrituras com pronunciamentos oportunos do Magistério da Igreja, se conjuga a psicologia do homem antigo com a do homem da era atômica, se aprofunda, se esclarece, se lembra, a cada passo, o sentido da vida, de que é tão fácil esquecermo-nos. O Padre Raymond — qual especialista que tem sabido auscultar a voz do silêncio — parece bem saber diagnosticar a doença que, segundo ele, vitima o homem moderno: a "nostalgia de Deus" causada por uma "amnésia" da dignidade humana (p. 13)... de sua origem e de seu fim (p. 14). E logo aplica *metanóia* — cujo significado fundamental outro não é senão este: *mudar sua mentalidade de acordo com seu comportamento*. Em cada página, em cada linha, se esforça ele por retratar o amor de um Deus, a grandeza de uma Mulher, e daí nos lembrar o Caminho — doloroso sem dúvida — mas que, palmilhado antes já por Ela e sempre por Ela assistidos, nos garante tranqüilidade e nos leva à posse da paz e da vitória final.

L I V R O S

Da Livraria AGIR, Rio de Janeiro:

PAULO SÁ — *Problemas Sociais Contemporâneos* (temas atuais — 20), 1965, 1 vol. br., 185x120 mm, 164 pp.

IDA FRIEDERIKE GÖRRYS — *Do celibato eclesiástico* (Considerações de uma leiga) (n.º 4 da Coleção "Forma Gregis"), trad. do original alemão por Madalena Leite de Castro, 1965, 1 vol. br., 185x120 mm, 104 pp., Cr\$ 1 200.

H. MÜLLER-ECKHARD — *A criança, essa incompreendida*, trad. do original alemão por Lúcia Jordão Vilela, 1965, 1 vol. br., 185x120 mm, 344 pp.

Jornalistas em ação, coligido pelo Reitor Edward W. Barrett, em homenagem ao quinquagésimo aniversário da Escola Superior de Jornalismo da Universidade de Colúmbia, trad. do original americano por Maria Tereza

Castelo Branco Miranda, 1965, 1 vol. br., 230x160 mm, 312 pp., Cr\$ 3 500.

Da Horder Editora, São Paulo:

R. RÉGANEY, O.P. — *Arte Sacra Contemporânea*, trad. do original francês por Belkims Silveira Barbuy, com a colaboração do Dr. Carlos Pinto Alves, 1965, 1 vol. br., 210x140 mm, 392 pp.

BERNHARD HAERING — *Matrimônio em nosso tempo*, trad. do original alemão por Pe. José Antônio G. da Silva Marques, 1965, 1 vol. br., 210x140 mm, 556 pp.

PAUL-EUGÈNE CHARBONNEAU, C.S.C. — *Cristianismo, Sociedade e Revolução*, 1965, 1 vol. br., 210x140 mm, 560 pp.

VÁRIOS — *Métodos de Pesquisa das Relações Sociais*, trad. do original inglês por Inah de Oliveira Ribeiro e revisão de Aldeamar Moreira, S.J., 1965, 1 vol. br., 210x140 mm, 718 pp.

R E V I S T A S

Do Brasil:

Carta aos Padres — ag.-setembro 1965, São Paulo.

Cidade Nova — julho-ag.-setembro 1965, São Paulo.

Convivium — julho e agosto 1965, São Paulo.

Igreja em Foco — Ano II, ns. 12, 13 e 14, Rio de Janeiro.

Sponsa Christi — outubro 1965, Petrópolis, RJ.

O Seminário — set.-outubro 1965, Viçosa, RS.

Vozes — outubro 1965, Petrópolis, RJ.

Do Exterior:

Boletim informativo do CELAM — abril-maio-junho 1965, Bogotá.

CIDOC Informa — Vol. II, ns. 18, 19 e 20, Cuernavaca (México).

Conciliium — setembro 1965, Lisboa.

Itinerarium — julho-setembro 1965, Braga (Portugal).

Le Christ au monde — vol. X, n.º 5, 1965, Roma.

Les Cahiers du Clergé Rural — out.-setembro 1965, Sèvres (França).

Lumen — agosto 1965, Lisboa.

Nuevo Mundo — julho-agosto 1965, Caracas.

Religieuses d'Action Hospitalière et Sociale — set.-outubro 1965, Paris.

Revue des communautés religieuses — julho-agosto 1965, Bruges (Bélgica).

Rivista delle Religiose — outubro 1965, Roma.

Seminários — set.-dez. 1965, Salamanca (Espanha).

Seminarium — out.-dez. 1963, Roma.

Vida Religiosa — set.-out. 1965, Madri.

Teologia y Vida — abril-junho 1965, Santiago do Chile.

ÍNDICE DA REVISTA DA CRB 1965

ASSISTÊNCIA À SAÚDE

	p.
<i>Integração da educação sanitária no serviço médico-hospitalar</i> — Irmã Ana Cândida	41
<i>Alocução de Paulo VI às religiosas de hospital (23/04/65)</i>	449
<i>A missão da religiosa no hospital</i> : Irmã Félix Maria, S.C.J.	473
<i>Relatório do Departamento de Assistência à Saúde da CRB (janeiro de 1964 a junho de 1965)</i> — Padre Lydio Milani	582

CONSULTAS

<i>Visitas de férias para religiosas</i> — Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M.	54
<i>Aproveitamento das religiosas nos cargos</i> — Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M.	117
<i>Religiosas e banhos de mar</i> — Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M.	183
<i>Leis civis favorecem religiosos</i> — Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M.	245
<i>Onde e como colocar o sacrário ao introduzir um altar "versus populum"</i> — Orientação do "Consilium ad exsequendam Constitutionem de Sacra Liturgia"	271
<i>Programa e funcionamento do juuorato</i> — Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M.	301
<i>Cardenal Protetor</i> — Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M.	375
<i>Prescrição da Santa Sé para administradores</i>	375
<i>Normas a observar ao pedir à Santa Sé a aprovação das Constituições e o Decreto de Louvor</i> — Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M.	444
<i>Reeleição da Superiora Geral</i> — Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M.	505
<i>Religiosas que dirigem carro</i> — Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M.	558
<i>Comunhão freqüente em convento de religiosas</i> — Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M.	627
<i>Segundo ano de noviciado</i> — Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M.	691
<i>Casa de formação e sede do governo</i> — Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M.	757

DOCUMENTOS

1. Pontifícios

<i>Discurso de Paulo VI em Montecassino (24/10/64)</i>	1
<i>Paulo VI agradece a colaboração dos religiosos à Jerarquia (23/02/65)</i>	327
<i>Exortação de Paulo VI para abrir a escola católica também a crianças pobres</i>	411
<i>Alocução de Paulo VI às religiosas de hospital (22/04/65)</i>	449
<i>Os católicos devem unir-se cada vez mais (30/08/64)</i>	577
<i>"Desejamos que as religiosas tenham uma participação mais direta e mais plena na vida da Igreja (08/09/64)</i>	580
<i>Discurso do Papa Paulo VI na ONU (04/10/65)</i>	705

2. Das Sagradas Congregações

<i>A Sagrada Congregação dos Religiosos estimula a colaboração entre o CELAM e a CLAR</i>	321
---	-----

3. Da CLAR

<i>Encontro de Viamão (julho de 1964)</i>	85
<i>É preciso chegar a uma colaboração entre bispos e religiosos no plano continental, nacional e diocesano</i>	257
<i>Cabe aos religiosos tarefa importante na renovação litúrgica da América Latina</i>	385

4. Do "Constitutum ad exsequendam Constitutionem de Liturgia"

<i>Onde e como colocar o sacrário ao introduzir o altar "versus populum"</i>	271
--	-----

5. Da CNBB

<i>Mensagem dos Bispos do Brasil sobre o Concílio</i>	65
<i>Nota oficial da Reunião da Comissão Central dos Bispos do Brasil (de 10 a 12 de junho de 1965)</i>	631
<i>Normas regulamentares do Secretariado Nacional de Educação da CNBB</i>	693

6. Da CRB

<i>Relatório anual da CRB (de outubro de 1963 a dezembro de 1964) — Padre Tiago G. Cloin, C.S.S.R.</i>	71
--	----

	p.
<i>Relatório da CRB (1962-1965), apresentado na Assembléa-Geral dos Superiores Maiores</i> — Padre Tiago G. Cloin, C.S.S.R.	515
<i>Declaração dos Superiores e Superiores Maiores Religiosos do Brasil (Assembléa-Geral, julho de 1965)</i>	531
<i>Análise do balanço da CRB (1964-1965)</i> — Irmão Francisco Alberto, F.S.C.	545
<i>Superiores Maiores que participaram da VII Assembléa-Geral da CRB</i>	546
<i>Encontro das Madres Gerais e Provinciais (Assembléa-Geral) Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M.</i>	551
<i>Relatório do Departamento de Assistência à Saúde da CRB (1964 a junho de 1965)</i> — Padre Lydio Milani	582
<i>Relatório do Departamento de Assistência e Serviço Social (1964 a junho de 1965)</i> — Irmã Helena Siqueira, F.C.	591
<i>Relatório da CRB-Rio Grande do Sul</i> — Irmã Maria Eugênia	594
<i>Relatório da CRB-Santa Catarina</i> — Padre Arthur Bohnen, S.J.	598
<i>Relatório da CRB-Paraná</i> — Padre Agostinho de Capinzal, O.F.M. Cap	599
<i>Relatório da CRB-Minas Gerais</i> — Padre Virgílio Rosa Netto, C.S.S.R.	606
<i>Viagens marítimas Europa-Brasil para imigrantes religiosos</i> ..	695

EDUCAÇÃO

<i>Pensionato Ideal</i> — Madre Guillemín	46
<i>O Conselho do Pensionato</i> — Madre Marie Pierre, F.M.A.	113
<i>Abrir a escola católica também para as crianças pobres (Exortação de Paulo VI — 30/12/64)</i>	411
<i>A educação falha se não souber inculcar o sentido social</i> — Laura Jacobina Lacombe	413
<i>Encontro sobre psicologia educacional</i>	565
<i>Estará a instituição cristã ultrapassada?</i> — Dom Paulo Gouyon	681
<i>Normas regulamentares do Secretariado Nacional de Educação da CNBB</i>	691
<i>Por uma educação cristã de todos os alunos</i>	694
<i>A missão do irmão educador requer atualização constante</i> — Irmão Cristóvão Tarcísio, F.S.C.	339
<i>Educação católica, por quê?</i> — Carlos de La Fuente, S.J.	743

ESTATÍSTICA

<i>Atividades do CERIS</i>	612
<i>Novos dados estatísticos sobre os institutos religiosos no Brasil</i>	615
<i>Recenseamento da prática dominical em uma cidade do Paraná</i> — Padre Godofredo J. Deelen, SS.CC.	674
<i>Idem (cônt.)</i>	722

	P.
FORMAÇÃO	
<i>A Igreja dos pobres</i> — Monsenhor Auel	25
<i>Doctrina e prática da vida religiosa : o bispo e a comunidade religiosa feminina</i> — Dom Henri Mazerat	107
<i>O apostolado às religiosas</i> — Frei Francisco Lepargneur, O.P. ...	141
<i>Os religiosos devem refletir sobre a tarefa que lhes cabe no mundo de hoje</i> — Dom de Vet	285
<i>A missão do irmão educador requer atualização constante</i> — Irmão Cristóvão Tarcísio, F.S.C.	339
<i>O tempo atual requer de modo especial uma formação do coração da jovem religiosa</i> — S. Lucie de La Trinité	343
<i>As religiosas são um sinal para o mundo</i> — Paul Gerard Hinnebusch, O.P.	399
<i>Educar para a maturidade psicológica</i> — Dra. Elena Isabel Gonzáles-Ruiz, C.C.	467
<i>A missão da religiosa no hospital</i> — Irmã Félix Maria, S.C.J.	473
<i>Seminário menor : supressão ou sobrevivência ?</i> — Padre Paulino Collarte, O.Carm.	665
<i>Crise nos institutos religiosos</i> — Mário Pancira	714

LITURGIA

<i>Congresso de Moderadores de revistas (Roma, 13-14/11/64)</i> — Frei Marciano do Prado, O.F.M.	169
<i>Uma instituição nova para uma liturgia renovada (ISPAT.)</i> — Dom Timóteo Amoroso Anastácio, O.S.B.	223
<i>Onde e como colocar o sacrário ao introduzir um altar "versus populum"</i>	271
<i>A concelebração manifesta a unidade do sacrificio e do sacerdócio</i> ..	331
<i>Cabe aos religiosos tarefa importante na renovação litúrgica da América Latina</i>	385
<i>A comunhão sob duas espécies (Secretariado Nacional de Liturgia da CNNB)</i>	430
<i>Curso de formação de responsáveis da liturgia (10 de janeiro a 11 de fevereiro de 1966)</i>	560
<i>Dimensão comunitária da liturgia (II Semana de Pastoral em Valinhos)</i>	568
<i>Liturgia : memorial de salvação</i> — Frei Luciano Parisse, O.P.	654
<i>Idem (cont.)</i>	748

NOTE E ANOTE

<i>Encontro de Mestres e Mestras de Noviciado (1964)</i>	56
<i>Idem (cont.)</i>	119
<i>Idem (cont.)</i>	188
<i>Idem (cont.)</i>	251

	p.
<i>Ovintes religiosas chamadas ao Concilio</i>	122
<i>Instituto Superior de Pastoral Latino-Americano (ISPLA)</i>	123
<i>Atividades pastorais da Igreja Católica na Espanha</i>	307
<i>Paulo VI agradece à Igreja dos EUA e Canadá pelos missionários enviados à América Latina</i>	311
<i>Complementação da Pontificia Comissão para a América Latina (CAL)</i>	312
<i>Leigos são convidados a permanecer durante algum tempo em mosteiro beneditino</i>	372
<i>A comunhão sob as duas espécies (Secretariado Nacional de Liturgia da CNBB)</i>	430
<i>Uma nova experiência de pastoral paroquial em Elias Fausto</i>	430
<i>Curso de formação de responsáveis da liturgia (10 de janeiro a 11 de fevereiro de 1966)</i>	560
<i>Nota oficial da reunião da Comissão Central dos Bispos do Brasil</i> ..	631
<i>Normas regulamentares do Secretariado Nacional de Educação da CNBB</i>	693
<i>Primeiro Encontro de Ex-Alunos do Seminário de Ipuruna</i>	759

PASTORAL

<i>As grandes linhas de renovação pastoral no Brasil — Padre Tiago G. Cloin, C.S.S.R.</i>	14
<i>Encontro de Vianna (julho de 1964) — CLAR</i>	85
<i>Instituto Superior de Pastoral Latino-Americano (ISPLA)</i>	123
<i>O apostolado dos religiosos e a pastoral da Hierarquia — Padre Tiago G. Cloin, C.S.S.R.</i>	129
<i>Idem (cont.)</i>	201
<i>Pastoral ambiental — Padre José Armando de Moraes</i>	152
<i>Uma instituição nova para uma liturgia renovada (ISPAL) — Dom Timóteo Amoroso Anastácio, O.S.B.</i>	233
<i>Igreja local e evangelização — Dom Serafim F. de Araújo</i>	273
<i>Idem (cont.)</i>	355
<i>Uma pastoral eficiente supõe conhecimento da realidade</i>	283
<i>Os religiosos devem refletir sobre a tarefa que lhes cabe no mundo de hoje — Dom de Vet</i>	285
<i>O contato entre clero e fiéis deve tornar-se mais funcional — Padre G. N. Declen, S.S. CC.</i>	291
<i>Atividades pastorais da Igreja Católica na Espanha</i>	307
<i>Primeiro Encontro Nacional de Pregadores de Retiro</i>	363
<i>Primeiro Encontro Nacional de Responsáveis por Centros de Peregrinação</i>	367
<i>A nossa pastoral falta um planejamento eficiente</i>	369
<i>Uma nova experiência de pastoral paroquial em Elias Fausto</i>	430

	p.
<i>A Igreja na América Latina está empenhada num esforço de renovação</i> — Alberto Lleras	433
<i>O problema pastoral das grandes cidades</i>	497
<i>De olhos abertos para a realidade</i> — Moacir Gadotti	499
<i>O fenômeno da pluralização obriga a pastoral à adaptação</i>	556
<i>Conclusões da II Semana de Pastoral (Valinhos)</i>	561
<i>Pastoral das grandes cidades (Encontro de Barueri)</i>	625
<i>Experimento pastoral para renovação do batismo num bairro de Nova Iguaçu, RJ</i>	634
<i>Sobre a pastoral do sacramento da Ordem</i> — Frei Francisco Leparigneur, O.P.	641
<i>Recenseamento da prática dominical em uma cidade do Paraná</i> — Padre Godofredo J. Declen, SS.CC.	675
<i>Idem (cont.)</i>	722

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

Arroniz, Pe. Lopes, C.SS.R. — <i>Íntimas...!</i> (Notas pessoais de meditação)	315
Assis, Frei Paulo Avelino de, O.F.M. — <i>De olhos abertos para a realidade</i>	499
Athanásio, Emílio — <i>Para os seus 13 anos</i>	639
Auny Filho — <i>Encontro</i>	318
Bálaguer, José Maria Escrivá de — <i>Caminho</i>	383
Baraúna, Frei Guilherme, O.F.M. — <i>Os cristãos em busca da "Una Sancta"</i>	63
Barbey, Léon — <i>Orientação religiosa dos adolescentes</i>	316
Bea, Cardeal Agostinho — <i>A união dos cristãos</i>	316
Bernanos, Georges — <i>Diário de um pároco de aldeia</i>	381
Biancotti, Ângelo — <i>Carlos Borromeu</i>	575
Bowles, Charles — <i>Declínio do comunismo como força ideológica</i> ..	63
Buijs, L., S.J. — <i>Facultates Religiosorum concessue Rescripto Pontificio diei 6 nov. 1964</i>	447
Burkhard, Léo-Charles — <i>"O Senhor de la Salle"</i>	317
Campos, José Narino de — <i>Diálogo essencial com o marxismo</i>	511
Catão, Frei Bernardo, O.P. — <i>Maria na Igreja</i>	766
<i>Concílio Vaticano II (Vol. IV)</i>	766
Corti, M. (e Gardenal, J.) — <i>O problema de todos</i>	315
Curran, Charles A. — <i>La Psicoterapia Autogógica (Counseling) y sus Aplicaciones Pastorales</i>	317
Dale, Frei Romeu, O.P. — <i>Vivendo o Concílio</i>	63
Dourado, J.J. — <i>Oriente Médio</i>	127
<i>Edições "Presença"</i>	63
Floquete, E. — <i>Relações entre dirigentes e operários</i>	63
Gardenal, J. (e Corti, M.) — <i>O problema de todos</i>	315

	p.
Gracel, Pe. Ricardo, C.S.Sp. — Vida em abundância (Meditações sobre a SS. Eucaristia)	317
Guerre, René (e Maurice) — Padres para o meio operário	511
Hamell, Rev. Patrik J. — As Igrejas Católicas Orientais	63
Igreja Hoje (Coleção)	63
Journet, Charles — A doutrina da "cidade"	63
Kelli, Gerald, S.J. — Juventude, sexo e moral	255
Labin, Suzaine — A guerra política	127
Ligório, Sto. Afonso M. de — A verdadeira esposa de Jesus Cristo Litúrgico Vozes (Folhinha 1965)	191
Longino, Cássio — Inútil como um beijo	315
Lorena, Padre Isac, C.S.S.R. — Oremus	128
Margerie, Pe. Bertrand de, S.J. — A Igreja em estado de diálogo	639
Maria Luíza Lz. de Uralde, de Jesus, C. a Ch. — Da beleza até Deus — Terezinha	765
Maurice (e René Guerre) — Padres para o meio operário	511
Mazzolati, Primo — Sinal da Verdade	640
Oliveira, J. O. — Contigo Senhor	765
Otoni, Pio Benedito — O cisma do Oriente	192
Planos de aulas (para os 5 anos do primário e a serem usados pelo catequista)	447
Rahner, Karl — A caminho do "homem novo"	63
Raymond, Pe. M., O.C.S.O. — Deus, a Mulher e o Caminho	767
Scantamburlo, Giovanni — Paulo VI	382
Sheen, Fulton — Comunismo, ópio do povo	192
Sousa, J. P. Galvão de — Socialismo e corporativismo em face da Encíclica "Mater et Magistra"	127
Tôrres, João Camillo de Oliveira — Razão e destino da Revolução	255
Valtierra, Angel, S.J. — Las fuerzas que forjan la Opinión Pública (Prensa — Cine — Rádio — Televisión)	381
Vários — Novas religiões japonesas no Brasil	192
Vários — Caminhos do amor	703
Vogel, Gustav L. — Que sabemos acerca da alma?	382
Vozes em defesa da fé (Coleção)	192
Waugh, Evelyn — A volta à velha mansão (romance)	575

SOCIOLOGIA RELIGIOSA

Igreja latino-americana fronteiras adentro — Segundo Galilea	4
O fenômeno da pluralização no Brasil modifica profundamente as perspectivas pastorais — Padre Paulino Gollarte, O.Carm. ..	423
A Igreja face à revolução no terceiro mundo — Jacques Meert	483
O problema pastoral das grandes cidades	497
De olhos abertos para a realidade — Moacir Gadotti	499

	P.
<i>III Congresso Brasileiro de Serviço Social (24-29/10/65)</i>	565
<i>Em que consiste o fenômeno da urbanização</i>	570
VOCACÕES	
<i>Agrogação do Clube Serra do Rio ao Serra Internacional — Cardeal Câmara e Rossi conglamam os brasileiros à ação vocacional</i>	297
VÁRIA	
<i>A correspondência feminina de Santo Inácio de Loyola — Padre Bertrand de Margerie, S.J.</i>	60
<i>Prelatos do Brasil: Um problema missionário urgente e desconhecido — Dom Afonso M. Ungarelli, M.S.C.</i>	99
<i>A constituição jerárquica da Igreja e em especial o Episcopado — Dom Sebastião Baggio</i>	193
<i>Tercera sessão conciliar — Paulo Bessa de Almeida, S.J., e Frederico Osusky, S.J.</i>	217
<i>Os institutos religiosos e a administração de seu capital de acordo com a doutrina social da Igreja — Padre Bertrand de Margerie, S.J.</i>	237
<i>O esquema sobre os religiosos na aula conciliar — J.M.B.</i>	265
<i>O Seminário Regional do Nordeste tem uma missão histórica a cumprir — Dom Hélder Câmara</i>	391
<i>A Igreja na América Latina está empenhada num esforço de renovação — Alberto Lleras</i>	433
<i>O apostolado missionário hoje — Padre Erich Georg Hemmings</i>	452
<i>Ecumenismo é vontade do Salvador e exigência da Fé — Frei Roman Dale, O.P.</i>	459
<i>“Ecumenismo não será fácil na América Latina”</i>	550
<i>Encontro das Madres Gerais e Provinciais — Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M.</i>	551
<i>Instituto de Latindade (Carta do Sr. Nuncio Apostólico no Brasil, Dom Sebastião Baggio)</i>	564
<i>Encontro sobre Psicologia Educacional</i>	565
<i>Idéias já definitivamente amadurecidas durante o Concílio Vaticano II — Egidio Vigano, C., S.D.B.</i>	620
<i>Viagens marítimas Europa-Brasil para imigrantes religiosos</i>	694